

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

O Papa na Mariápolis **Transformar a sociedade, juntos**

«On city»
Redes de luz para iluminar o planeta

Ásia, Portugal, Lituânia
O ideal da unidade marca etapas importantes

Acende-se uma célula viva

Se olharmos ao nosso redor, para certas cidades por onde passamos, ficamos desanimados e temos a impressão de que é impossível construir uma sociedade cristã. O mundo, com as suas vaidades, parece dominar...

Poderíamos dizer que é utópica a realização do testamento de Jesus, se não se pensasse n'Ele, que também viu um mundo semelhante a este e, no fim da sua vida, pareceu ter sido derrotado, vencido pelo mal.

Também Ele olhava para toda aquela multidão a quem amava como a si mesmo. Ele, Deus, que a criara, queria oferecer os laços para reuni-la, como filhos ao Pai, e irmão a irmão.

Viera para recompor a família e fazer de todos uma só coisa. Todavia, apesar das suas palavras de fogo e verdade – que queimavam a ramagem inútil das vaidades e desenterrava o eterno, existente no homem – as pessoas, muitas delas, apesar de compreenderem, não queriam aceitar e ficavam com os olhos apagados, porque a alma estava às escuras.

E isso porque Deus as criara livres. Ele podia – vindo do Céu à Terra – redimi-las todas, apenas com um olhar. Mas, devia deixá-lhes – criadas à imagem de Deus – a alegria da livre conquista.

Olhava para o mundo, assim como nós o vemos, mas não duvidava. De noite, invocava o Céu lá de cima e o Céu dentro de Si: a Trindade, que é o Ser verdadeiro, o Tudo real, enquanto fora, pelas ruas, caminhava a nulidade que passa.

Também nós temos que fazer como Ele e não nos separarmos do Eterno, do Incrriado, que é a raiz da Criação. E assim acreditar na vitória final da luz sobre as trevas. Passar pelo mundo sem querer olhar para ele. Olhar para o céu, que existe também dentro de nós e apegar-nos àquilo que tem ser e valor. Tornarmo-nos uma só coisa com a Trindade, que repousa na alma e a ilumina com eterna luz. Então, perceberemos que, com o olhar já não apagado, olhamos para o mundo e para as coisas, mas já não somos nós que as olhamos. É Cristo que olha através de nós e percebe que há cegos que precisam de vista, mudos a precisar de falar e parálíticos que precisam de andar. Cegos da visão de Deus, dentro e fora de si; parálíticos imobilizados, desconhecedores da divina vontade que, do fundo do próprio coração, os impele ao movimento eterno, que é o eterno amor.

Vemos e descobrimos neles a nossa própria luz, o nosso verdadeiro eu – Cristo: a nossa verdadeira realidade neles. E, tendo-o reencontrado, unimo-nos a Ele no irmão. Deste modo, acendemos uma célula do Corpo de Cristo, célula viva, morada de Deus, que tem fogo e luz para comunicar aos outros. É Deus que faz de duas pessoas uma só coisa e, como terceiro elemento, se coloca como relação entre elas: Jesus no meio.

Assim o amor circula e, espontaneamente, como um rio impetuoso, arrasta tudo o que os dois possuem, os bens espirituais e os bens materiais. Isto é um testemunho eficaz e externo do amor unitivo e verdadeiro.

Mas é preciso ter a coragem de não usar outros meios, se quisermos fazer ressuscitar um pouco de cristianismo.



Agosto 1967. Chiara na Acrópole de Atenas



Em Roma

«Vocês transformam o deserto»

Pela primeira vez, um Papa esteve numa Mariápolis. Foi uma visita de surpresa do Papa Francisco nos eventos da «Aldeia pela Terra», que decorreram na Villa Borghese, em Roma. «Grande emoção. Foi uma prenda de Chiara e para Chiara», disse a Emmaus

«Enquanto vos estava a ouvir, vieram-me ao pensamento duas imagens: o deserto e a floresta. Pensei: esta gente, todos vocês, pegam no deserto para o transformar em floresta. Vão aonde existe o deserto, onde não há esperança, e o que fazem transforma esse deserto em floresta». Assim

É preciso fazer com que Deus viva dentro de nós, para O transbordar sobre os outros, como um fluxo de vida, e reanimar os que se apagaram. E mantê-Lo vivo entre nós, amando-nos.

Então, tudo se revoluciona ao nosso redor: política e arte, escola e trabalho, vida privada e divertimentos. Tudo. Jesus é o homem perfeito, que sintetiza em si todos os homens e toda a verdade.

E quem encontrou este Homem, encontrou a solução para qualquer problema humano e divino.

Chiara Lubich

Scritti Spirituali/2. Sì, sì. No, no. Città Nuova, Roma, 20.06.1978

comentava o Papa Francisco, falando sem papéis, durante a visita surpresa, no domingo 24 de abril, à «Aldeia pela Terra», realizada em conjunto com Earth Day Italia, na qual se inseria a Mariápolis de Roma. Uma série de eventos, no coração da cidade, que surgiram da colaboração dos Focolares com grupos e Associações, para pôr em luz e dar voz ao que de belo e positivo se faz na capital de Itália.

Acompanhado pelo arcebispo Angelo Becciu, substituto para os Negócios Gerais da Secretaria de Estado vaticana, o Papa foi recebido pelo arcebispo Rino Fisichella, presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, com Maria Voce e Jesús Morán, ao som do Gen Verde ali presente. No palco, Donato Falmi e Antonia Testa, responsáveis dos Focolares em Roma, com Pierluigi Sassi de Earth Day Italia, apresentaram o evento e alguns testemunhos. Adolescentes, jovens e adultos contaram o seu empenho contra diversas formas de pobreza, ações pela

legalidade, iniciativas contra o comércio de armas e o jogo de azar, atividades para promover a ética no desporto, projetos a favor da sustentabilidade do planeta.

«Com o vosso trabalho, vocês fazem o milagre de transformar o deserto em floresta: continuem assim – disse o Papa, desenvolvendo a metáfora inicial – Qual será o vosso plano de trabalho? Não sei... Aproximando-nos das situações, vemos o que se pode fazer. É assim a vida! A vida deve ser tomada tal como chega. É como o guarda-redes no futebol: vai buscar a bola aonde a mandam ... de um lado, do outro... Mas não se deve ter medo da vida; não ter medo dos conflitos». A propósito do conflito, que contém riscos e oportunidades, observou: «Quem não arrisca, nunca conseguirá aproximar-se da realidade: para conhecer a realidade, para a conhecer com o coração, é necessário aproximar-se. E aproximar-se é um risco, mas é também uma oportunidade: para mim e para a pessoa de quem me aproximo. Para mim e



para a comunidade da qual me aproximo». «Dou-vos um "trabalho de casa" – concluiu –; Olhem um dia para os rostos das pessoas, quando caminham na rua: estão preocupadas, cada um está fechado em si mesmo; falta um sorriso, falta ternura; por outras palavras, falta-nos esta amizade social.

[...] Gratuidade, aqui está uma coisa



bonita! E perdão. Perdoar, também: o perdão faz com que o rancor, o ressentimento, se afaste. E depois, construir sempre, não destruir, mas construir».

«E como é que isto se faz? Simplesmente tomando consciência de que todos temos algo em comum, somos todos seres humanos. E, nesta humanidade, aproximarmo-nos para trabalhar juntos. "Mas eu sou desta ou daquela religião ..." Não importa! Todos em frente, para trabalharmos juntos. Respeitar-se, respeitar-se! Veremos então este milagre: o milagre de um deserto que se torna floresta. Muito obrigado por tudo o que fazem!».

Comentando «a quente» esta visita, a Emmaus disse: «Vivi este dia como uma prenda de Chiara e uma prenda para Chiara. Ela desejava um "City Fest" e pareceu-me que hoje aconteceu a "festa da cidade", com todas as suas componentes e com o Papa». Alargando o horizonte, nas páginas do Osservatore Romano, refletindo sobre esta «primeira vez que um Papa está numa Mariápolis», disse: «Todas as Mariápolis que se realizam e se hão-de realizar, em todo o mundo — e são centenas — sentir-se-ão olhadas e amadas do mesmo modo».

Anna Lisa Innocenti

Em *mariapoli on line* a intervenção integral do Papa Francisco e o artigo da Emmaus publicado no *Osservatore Romano* de 25.04.2016

Ação pela Paz

Juntos, agora mais do que nunca!

Da comissão formada no Centro para o United World Project, a recolha de assinaturas, os eventos de maio para as gerações mais novas... Um amplo estaleiro de reflexão e ação em favor da paz



Marcha pela paz, na Sicília (Itália)

Perante o drama dos refugiados e de quem tenazmente decide ficar no seu País, devastado pela guerra, o que faz e o que pode fazer o Movimento dos Focolares? Uma pergunta sofrida que a Emaús fez a si mesma e a toda a obra, há uns meses. Um apelo que exprimia a urgência de realizar, sem demora, qualquer coisa de concreto pelas situações de emergência. Mas, sobretudo, de trabalhar para a paz, indo à raiz das causas de tantas guerras.

O apelo desencadeou ideias, fez partir ações, encorajou iniciativas, valorizou atividades já em curso: acolhimento de famílias sírias, na Grécia; ajuda aos refugiados que passam, na Macedónia, Áustria e Hungria; o trabalho nos campos de refugiados na Jordânia, Líbano e outros Países; empenho na República Centro-africana, dilacerada por uma guerra civil; ações a favor dos prófugos e refugiados em vários Países da

Europa, América do norte e América Latina. Campanhas mediáticas em que os jovens estão na primeira fila (contra o comércio de armas, por exemplo). Em todo o lado trabalhou-se e trabalha-se juntos, cada um dá o seu contributo, conforme a sua vocação, idade, experiência, o seu modo de trabalhar. Colabora-se muitas vezes com outras associações, grupos, Movimentos, organizações nacionais e internacionais.

Entretanto, no Centro internacional dos Focolares, constituiu-se a comissão «Ações pela Paz», composta por representantes dos setores do Movimento empenhados em renovar a sociedade. Visa principalmente três objetivos:

1. promover ações e projetos de paz, com vista a fazer da humanidade uma família. Este é o objetivo principal.
2. apoiar a difusão de #Signupforpeace, uma recolha de assinaturas (online e em papel), promovida pelos Jovens por um Mundo Unido. Tem por objetivo levar as suas aspirações à Onu, à Unesco e às mais altas



Recolha de assinaturas #signup4peace# no Benin

instituições e personalidades nacionais e mundiais, pedindo ações concretas de mudança em favor da paz. A petição tem cinco termos: reduzir os financiamentos públicos a armamentos; atuar na origem das desigualdades, para contrariar a miséria; rever os atuais modelos de governance,

Uma Semana pela paz

A Semana Mundo Unido de 2016 inseriu-se também neste conjunto de atividades pela paz: de 1 a 10 de maio, promoveu iniciativas várias, como o Run4Unity (uma estafeta mundial pela paz, promovida pelos Jovens pela unidade, que este ano chegou à quinta edição. Todos - adultos, jovens e adolescentes - participaram nas atividades.

O evento central da Semana Mundo Unido, conclusão do itinerário simbólico feito pelos Jovens por um Mundo Unido dos vários continentes, estava previsto realizar-se no Equador, centrado na interculturalidade.

Poucas semanas antes do evento deu-se o fortíssimo terremoto no País. Os jovens do Equador transformaram, desde logo, este momento doloroso e trágico numa nova ocasião para dar esperança ao povo e contribuir para a fraternidade. Imediatamente se mobilizaram, com todo o País, para dar apoio ao enorme número de pessoas atingidas pelo terremoto. E continuaram a preparar o programa de 7 de maio na «Meta del mundo – Quito» no Festival pela Paz, com o título "A solidariedade é um caminho para a paz". Na mensagem que nos enviaram, diziam os jovens: «Música e danças serão um sinal de que, juntos, reconstruiremos um Equador melhor».

Para contribuir para a Emergência Equador, ver Mariapoli online



para redescobrir uma visão da política para o bem comum; adotar um modelo de legalidade organizada, opondo-se a fenómenos criminais; garantir uma instrução primária universal.

3. acompanhar o desenvolvimento de um grupo de peritos no campo das relações internacionais, da política e do diálogo, incluindo representantes de vários Países do Médio Oriente. Pretende-se aprofundar, juntos, algumas temáticas e definir pistas de ação: como chegar à raiz dos conflitos, como melhor se preparar para conseguir eliminá-los, como promover uma cultura de paz. Ações várias, portanto, que se põem em prática em várias frentes, mas que têm um único objetivo:

contribuir para realizar o «Ut omnes». Por isso, todas as iniciativas e atividades para a paz são parte do «United World Project», o projeto lançado pelos Jovens por um Mundo Unido, mas que hoje é de todo o Movimento dos Focolares. O site www.unitedworldproject.org onde se podem encontrar todas as informações, está também ele em evolução: trabalha-se para criar uma nova plataforma web para recolher e pôr em rede todos os «fragmentos de fraternidade» que estão a ser atuados nos cinco continentes.

Marco Desalvo

14 de março de 2016

A paz possível

O dia em que o Movimento dos Focolares, em todo o mundo, recordou a partida para o Céu da sua fundadora, Chiara Lubich, caracterizou-se por uma grande atividade



Em Kinshasa, no Congo, com Abdourahamane Diallo, representante da Unesco.

Multiplicaram-se iniciativas em que, muitas vezes, as comunidades locais da Obra colaboraram com outros Movimentos, com cristãos de várias Igrejas ou comunidades de outra fé, com o mundo da cultura e que tiveram a presença de autoridades civis e religiosas locais. Assim foi assinalada a data de 14 de março.

Nos diversos locais em que os eventos se realizaram, recordar Chiara significou oferecer oportunidades de encontro, de diálogo, de testemunho. Etapas, não isoladas, de um percurso que dura já há algum tempo e que tem feito com que a Obra saia cada vez mais à vida pública. Recordar Chiara significou, sobretudo, atualizar a sua mensagem. Não foi por acaso que, este ano, o fio condutor foi o tema da paz. Em 1996, Chiara foi distinguida com o prémio Unesco «Educação para a paz». Muitos são os conteúdos do seu pensamento, que orientam a ação de pessoas e povos para a construção do que, para muitos, se tornou uma utopia. Na verdade, perante os repetidos sinais de morte que chegam de tantos Países, onde as guerras não se detêm e a corrida aos armamentos prolifera, a paz parece dar mostras de estar definitivamente inativa: daqui a atualidade do tema.

Não se explicaria de outro modo a grande participação registada em alguns eventos, realizados em locais onde a paz é um atualíssimo desafio: 1200 pessoas em Bujumbura, no Burundi; 1000 no Kinshasa e 1500 em Kikwit, no Congo, para citar apenas alguns.

Em muitos casos, os protagonistas das manifestações foram os jovens. Com o seu testemunho, deram esperança aos que, mais idosos, experimentaram na vida dificuldades ou mesmo o fracasso no empenho pela paz.

Em Fontem, nos Camarões, encontraram-se mais de 500 pessoas, num momento significativo de um projeto pela paz, que envolveu numerosas escolas. Atribuía-se nessa ocasião o título de «embaixador de paz» aos estudantes que tinham participado no concurso «Living peace, discovering fraternity», e se tinham distinguido. Estavam presentes o secretário do presidente do município, o vicepresidente, autoridades civis e religiosas, o delegado para a educação nas escolas secundárias. Este último, agradeceu o trabalho que o Movimento está a realizar nas escolas, oferecendo uma educação



Em Roma, Itália, os jovens no Parlamento

integral que põe em relevo o valor imprescindível da paz. Pretende introduzir o «dado da paz» em todas as escolas da sua região.

Os jovens italianos das escolas de participação cívica do Movimento político para a unidade, juntamente com os Jovens por um Mundo Unido, promoveram, no Parlamento, um evento com o título «A fraternidade universal em marcha: o desarmamento é possível». Mais de 200 jovens, os verdadeiros protagonistas do evento, souberam interagir com os deputados presentes, testemunhando com energia as suas convicções, a partir da sua vida pessoal e do conhecimento do mundo e das dinâmicas que o governam.

Em Bucareste, na Roménia, o empenho dos gen2 e dos gen3 traduziu-se num concerto pela paz, em que estiveram presentes o arcebispo Ioan Robu e o bispo auxiliar Cornel Damian, bem como representantes institucionais. Mais do que um concerto, foi uma oração coral para implorar de Deus a dádiva da paz, comentavam os presentes.

Em Vancouver, no Canadá, a partir do discurso de Chiara na Unesco em 1996, por ocasião da atribuição do prémio, a atenção foi focada no «United world project», promovido pelos Jovens por um Mundo Unido, convidando os presentes a assinar a petição #signupforpeace e a empenhar-se no projeto lançado no Genfest de Budapest «Let's bridge». Os participantes foram convidados a reconstruir o relacionamento com uma pessoa com a qual esse relacionamento fosse difícil.

No Centro Mariápolis de Castel Gandolfo encontraram-se cerca de mil pessoas.

Estavam presentes embaixadores e representantes do corpo diplomático junto da Santa Sé e do Estado italiano, de 20 Países: Marrocos, Líbia, Benin, Gabão, Turquia e Taiwan; Argentina, Venezuela, Cuba, Uruguai e Paraguai, EUA e Guatemala; várias nações europeias, como a Ucrânia, Lituânia, Albânia, Eslovénia, Portugal e Malta. Foram muito fortes os testemunhos sobre o tema da paz e do diálogo, da unidade entre os povos. Na mesma linha esteve o espetáculo do Gen Verde, «On the other side», a concluir o programa. A Emmaus, na sua intervenção (ver www.focolare.org/notiziariomariapoli), apresentou a «espiritualidade da unidade» como «método» proposto por Chiara para a paz. Sugeriu depois o «segredo do seu êxito», a «arte de amar» e indicou «uma chave mestra, uma boa prática, na linguagem usada nas relações internacionais. O empenho pela paz é difícil de realizar se não se estiver pronto a perder certezas e comodidades, aventurando-se por caminhos novos, inexplorados. Temos que nos tornar criativos sem improvisar e ouvir a voz dos que pedem um futuro de paz, identificando as possibilidades emergentes para o atuar».

Por fim, numerosas celebrações litúrgicas, que já fazem parte do calendário das comunidades, muitas vezes presididas por Bispos locais. Um sacerdote da Obra disse-nos: «Ontem, com o Bispo e toda a comunidade, celebrámos a Missa em recordação de Chiara. "Chiara não é para recordar, vive-se". Foi assim que vivemos este momento».

Podem dizer-se que este foi o espírito que animou todos os tipos de encontro.

ao cuidado de Aurora Nicosia





Retiro do Conselho Geral

Acreditar mais na unidade

O Conselho Geral em Castel Gandolfo para uma semana de retiro, um encontro «de trabalho em unidade». Foi o segundo, depois da Assembleia de 2014. Entrevista à Friederike Koller e ao Angel Bartol, delegados centrais

O retiro começou no dia 14 de março, uma coincidência significativa. A que ponto está a Obra hoje, a oito anos de distância da partida de Chiara para o Céu?

«Estamos a caminho, na dinâmica da vida para e com Jesus entre nós, que sempre nos transcende e nos leva a encarnar aquilo que resultou da Assembleia, com os desafios abertos pela nova configuração, em todo o mundo e no Centro, conscientes de que se trata de um momento da nossa história, que requer abertura, confiança e um empenho renovado.

O Conselho Geral, neste encontro, queria sobretudo ouvir Chiara, ouvir o seu carisma vivo, também hoje, nos seus filhos, para aprofundar um tema específico e olhar em frente segundo aquilo que o Espírito Santo nos iria sugerir. O dia 14 de março foi mesmo um dia “abençoado” para começar. Naquele dia, com a Mariápolis Romana



e a comunidade local de Roma, celebrámos a Eucaristia. Estávamos unidos a todo o povo de Chiara, no mundo, o que nos pôs em uníssono para viver um retiro com e para toda a Obra.

Isto ajudou-nos ainda mais a ter uma maior consciência da imensa dávida do carisma, com o chamamento a viver pela unidade. Um chamamento que é comum a todos nós, da Obra».

Aprofundaram a vocação da Obra, na comum vocação à unidade. Porque é que

Foto in alto. Il Consiglio Generale in visita a Tivoli

focaram a atenção sobre este assunto?

«Não devemos esconder a nós próprios que, de modo geral, nas várias ramificações, o número de vocações à Obra tendem a diminuir. Antes de mais, é preciso considerar esta situação como vinda de Deus. Depois, interrogarmo-nos e lançarmo-nos a fazer cada vez melhor a nossa parte. Claro que – e dissemo-lo claramente – é Deus que chama. A nossa parte consiste, antes de mais, em testemunhar a beleza das vocações, com a nossa vida. E manter aquele clima de unidade, aquela presença de Jesus no meio em todas as realidades da Obra, que favorece a compreensão e a resposta pessoal de quem é chamado para a nossa família.

Na última Assembleia, manifestou-se o desejo de que as pessoas da Obra pudessem “sair” (cada uma com a missão específica da própria vocação), juntos (com toda a família da Obra e com aqueles que, connosco, vivem pela fraternidade universal), devidamente preparados (isto é, conscientes da nossa identidade e formados para saber explicar e dar a própria vida com factos e palavras, fieis à fonte, à finalidade do carisma e ao Espírito Santo). Portanto, não se tratava de olhar para nós mesmos, mas de perceber como viver melhor, nos dias de hoje, estas vocações especiais que nos permitem ir ao encontro de qualquer pessoa, qualquer que seja o contexto social a que pertença».

Vocês falaram dos desafios que estamos a viver. Quais são os principais?

«Depois de uma breve análise do decréscimo de vocações religiosas, sobretudo nas culturas mais ocidentais e em particular na Europa, falou-se sobre os principais desafios que a Obra deve enfrentar: superar a fragmentação e favorecer a colaboração, a todos os níveis; encarnar,



Friederike e Angel com Emmaus e Jesús

cada vez melhor, a luz do carisma na realidade concreta; ir a fundo com a inculturação e assumir plenamente o diálogo, como sendo o nosso estilo de vida; encorajar uma nova sementeira do Ideal; aprofundar os nossos percursos de formação e melhorar o acompanhamento; aproveitar ainda mais a potencialidade das comunidades locais e das cidadelas...

Como pressuposto, a Emmaus e Jesús insistiram no valor do testemunho pessoal e comunitário, no sentido de que nos foi entregue um carisma tal que, se formos fieis a Jesus e sendo Palavra viva, ela mesma irradia. E assim como nós fomos atraídos, através da Obra, seguirão Jesus pessoas sedentas de unidade, para participar na construção de um mundo unido. Várias vezes Chiara deu o exemplo das primeiras comunidades cristãs que, sem dúvida, não viviam mais facilmente do que as de hoje. Por isso nada, nenhum medo nos deveria travar, nem sequer as experiências mais difíceis e sofridas.

No que respeita ao que cada um de nós pode fazer, a Emmaus pediu-nos para acreditarmos mais na unidade e sermos todos mais protagonistas em perceber, como vindas de Deus, as Suas inspirações. Lembrar-se que os frutos nascem do amor sincero e profundo

do a Jesus Abandonado, que nos leva a construir juntos aqueles espaços de fraternidade, onde o amor pode dar resposta a todos os desafios».



Imaginamos que foi uma ocasião para ir aprofundar a unidade, no coração da Obra. Que experiências fizeram vocês?

«Quando se estava a preparar o nosso “retiro”, a Emmaus quis-nos esclarecer que não deveríamos considerar esta semana como um retiro espiritual – isto cada um fará na própria ramificação – mas um encontro “de trabalho em unidade”. É, sim, um retiro, no sentido de nos afastarmos o mais possível das solicitações externas, com Jesus no meio de nós, para trabalharmos juntos. Com esta base foi, antes de mais, uma experiência de unidade, na procura de como viver a Obra hoje para o amanhã.

Nos trabalhos de grupo e no diálogo das plenárias, não isentas de momentos de esforço e de um empenho renovado, procurou-se compreender e valorizar cada contributo, num clima de grande abertura e sinceridade. Surgiram, deste modo, não só uma grande riqueza de experiências e de reflexões, mas também pistas concretas para o futuro. Foram momentos de uma especial profundidade as meditações sobre a vocação da Obra, nos textos do Paraíso '49 e a visita a Tivoli, cidade natal de Foco, onde redescobrimos a grandeza e atualidade do seu desígnio.

A meditação do último dia, sobre a lição de Chiara com a escola Abba, do dia 18 de setembro de 2004, foi de um grande valor, onde, de uma maneira estupenda, fala sobre o desígnio da Obra, também para o período depois dela. Seguiram-se as conclusões da Emmaus e do Jesús, baseadas nos resultados dos nossos trabalhos, em plena sintonia, segundo a opinião dos participantes, com a visão expressa pouco antes por Chiara. Estes dias deram-nos muita alegria e esperança e foram também uma confirmação forte de que é Jesus no meio que faz avançar a Obra».

Ao cuidado da redação

A Igreja precisa do carisma da unidade

O Presidente do Conselho Pontifício dos leigos responde à carta que a Emmaus Maria Voce e o Jesús Morán enviaram, depois da viagem à Índia

Vaticano, 7 de abril de 2016

Gentil Sra.Doutora,

Reverendo Pe.Jesús,

Recebi a Vossa carta muito apreciada, do dia 18 de março pela qual, juntamente com os desejos de uma Santa Páscoa, me informais sobre a Vossa recente visita às comunidades do Movimento dos Focolares, na Índia.

Regozijo-me ao saber dos muitos frutos que o ideal da unidade continua a dar em todo o mundo, entre povos de diferentes culturas ou de outras religiões. A fecundidade de um carisma não cessa de nos surpreender e continuamente nos convida a dar graças a Deus, porque enriquece a Sua Igreja com inúmeras dádivas. E, nesta ocasião, queria mais uma vez agradecer pela vida de Chiara, pelo seu entusiasmo pelas coisas de Deus, pela sua «arte de amar», da qual ela mesma foi exemplo. Tenho a certeza que, nestes 8 anos decorridos desde o dia da sua partida para o céu, Chiara continuou a estar ao lado de cada um de vocês e a apoiar, não obstante as inevitáveis fadigas, o caminho da Obra de Maria. Portanto, desenvolvam com coragem a chama do carisma do Movimento, um carisma de que a Igreja tem tanta necessidade.

No assegurar a minha lembrança a todos os membros da Obra espalhados pelo mundo, saúdo-Vos muito cordialmente, no Senhor.

Stanisław Card. Ryłko
Presidente

Um olhar sobre a cidade Oncity redes de luz para habitar o planeta

De 1 a 3 de Abril, em Castel Gandolfo, uma experiência de trabalho «juntos»

Seria necessário um skate! Não é brincadeira percorrer todos os corredores e os grandes ambientes do Centro Mariápolis de Castel Gandolfo. Sobretudo nestes dias em que os pedidos são os mais variados: vêm dos cinco Continentes e é preciso estar sempre a subir e a descer, ir por todo o Centro, para os satisfazer: há quem peça o texto de uma experiência que acabaram de contar no palco, ou que gostaria de partilhar a sua, vivida na própria cidade, ou quem perdeu um objeto de valor e gostaria de o encontrar, ou quem tem uma necessidade específica para o alojamento, ou não percebeu o aviso feito. Para todos há uma resposta, ou pelo menos gostaríamos que houvesse!

Por outro lado, aqui é mesmo como se víssemos numa cidade: «On city-redes de luz para habitar o planeta» revelou-se-nos cada vez mais como uma metrópole, em miniatura, temporária, onde tudo aconteceu: desde a “praça” (o palco), às várias “localidades” do Centro Mariápolis, as «ruas» que permitiram que todos caminhassem, se encontrassem e vivessem estes dias no máximo das possibilidades de cada um. Nos bastidores, como formigas que nunca param, estivemos nós, membros e trabalhadores



das realidades, que organizaram este evento internacional: o Movimento Humanidade Nova, Amu, Jovens por um Mundo Unido, New Humanity. Decidimos trabalhar juntos, deixando de lado algumas perplexidades, hábitos mais ou menos enraizados, para aceitar de maneira diferente - mais em sinergia - os desafios que o mundo nos propõe. Claro que, no início, tudo nos parecia fácil. Mas, pelo contrário, trabalhar com os outros foi um desafio que nos interpelou à medida que o projeto avançava.

Juntos. Uma palavra linda, sobretudo para nós que vivemos da comunhão entre nós. Poderia parecer quase subentendida... mas não foi assim, pelo menos nesta fase: verificámos que tínhamos que aprender - depois de muitos anos a trabalhar, de certa maneira, separadamente - a recuperar aquela dimensão de família, de unidade, de estar e trabalhar juntos. Foi um comportamento que depois, no devido momento, deu fruto, mesmo em termos de ideias, de coordenação. Onde tudo foi realmente de todos e onde a parte que alguém cuidadosamente preparou, fê-lo também para o outro e vice-versa.





Desde o primeiro momento foi claro que, antes de fazer fosse o que fosse, era necessário olharmo-nos nos olhos: ainda não estávamos habituados a pormo-nos à volta de uma mesa e a coordenarmo-nos, confiando uns nos outros. Primeiro, procurámos aquele calor - como nos sabe bem o abraço de um familiar quando precisamos dele - dialogando com estima e humildade, para dar a Deus a possibilidade de manifestar um sinal, de dar uma nova luz a este trabalho da Obra.

Concretamente, era entrar no pensamento do outro, pessoalmente, mas também como realidade da Obra em diálogo, de maneira a perceber as exigências diferentes, dando talvez um passo atrás, para deixar ao outro a plena liberdade de se exprimir, de se doar. Só com esta atitude é que surgiram as ideias, as mais interessantes, mesmo para o programa e para a sua realização.

O segundo passo foi perguntar a nós mesmos: «Para quem estamos a olhar? Quem são os destinatários de “Na cidade?”» O olhar dirigiu-se para as periferias geográficas e existenciais, para as pessoas que sofrem, para quem procura uma resposta: «Oncity» quis também ser isto, uma lufada de ar fresco, um encorajamento a não desistir e a ir em frente.

O terceiro passo: agir de consequência, e portanto construir um programa «em módulos», para os 900 participantes, feitos com quatro secções em plenária, 64 grupos de trabalho, quatro

seminários específicos, num total de 46 intervenções, traduzidos simultaneamente em 16 línguas. Elevámos as antenas, nas nossas cidades, intercetando as necessidades das pessoas, os dramas que vivemos, mas também as grandes possibilidades que o nosso tempo oferece e as conquistas já feitas pelos nossos membros, nas cidades do mundo. Conquistas que, se forem postas em rede, podem-se tornar um recurso para todos. Ajudar a «tecer a rede», entre sujeitos que operam no mesmo território

e sobre os mesmos desafios, pareceu a coisa mais útil para dar respostas concretas e apontar, sobretudo na oferta de um método a imitar nas cidades. Os participantes, de certa maneira, perderam assim a própria pertença, relativamente a quem os tinham convidado, mas todos fizeram uma experiência de identidade única, de Obra unida.



Assim, no domingo, dia 3 de abril, esta rede começou a ter forma nos territórios: acabou o encontro internacional, começou a construção da «rede» das cidades. As amplas perspectivas e as conclusões que foram apresentadas no palco, mostraram o fascínio especialíssimo da função que nos espera: a cidade, de facto, pode ser vista, na sua essência, como resultado de um entrelaçado de relações, de relacionamentos entre pessoas, ligadas entre si por motivos de trabalho, de vizinhança, de partilha do tempo



livre. Ao mesmo tempo, adotando um modo de ver mais “macro”, estendido sobre o mundo, a cidade pode ser vista como um ponto de encontro, um «nó» - dir-se-ia na linguagem típica da perspectiva de redes – entre muitos fios, ou seja, entre muitos relacionamentos, que constituem uma rede mais ampla, a sociedade global que se expande no mundo inteiro.

Qual é o nosso lugar nesta rede? Recordaram-no-lo a Emmaus e o Jesús, participando na última sessão dos trabalhos em plenária. Foi um momento que se pode resumir no convite a fazer com que se evidencie o amor recíproco, que já existe nos vários ambientes das cidades: um amor que, em certos casos, liga duas ou mais pessoas, mas que deve emergir, deve ser testemunhado. Então o desafio é reconhecer esta presença, difundida pelo povo da fraternidade, no mundo, apoiando a «globalização do bem», que é motor de renascimento.

Veio assim em evidência a importância da qualidade dos ligames, a nível micro e macro, que se podem tecer, construindo a fraternidade onde quer que seja e otimizando os instrumentos que já possuímos. O primeiro de todos é o «United World Project», que, de projeto dos jovens, está-se a tornar, cada vez mais, projeto

de toda a Obra e que se tem mostrado como o meio para a troca de experiências, projetos, métodos de trabalho de uma parte à outra do globo.

Angela, húngara, deixou-nos esta impressão, que exprime muito bem o significado destes dias: «É a primeira vez que participo num encontro deste tipo, mas estou realmente impressionada pela Obra de Chiara. Olha! Está aqui o mundo inteiro a testemunhar que o amor e a unidade geram a paz no mundo. Claro que não é fácil. Jesus Abandonado faz parte do viver



da humanidade, mas aqui vê-se que é precisamente olhando para esta dor do mundo, que é possível dar-lhe remédio com a unidade e o amor. Parto encorajada a voltar para casa e fazer o meu melhor!».

Lendo esta e outras impressões, percebe-se que, no fim, foi melhor não ter tido aquele patim: foi-nos útil aquele caminhar lentamente, a pé. Fez-nos bem esperar uns pelos outros sem correr, desejar um resultado sem o querer obter imediatamente: sem dúvida que, caminhar juntos, quer também dizer correr o risco de perder algo, e tivemos que ser mais lentos em alguns aspetos; mas, hoje, as muitas impressões positivas impulsionam-nos, não só a agradecer pelo que vivemos, mas, dando valor a muitas sugestões dadas, a pensar e a fazer ainda melhor num futuro. Porque isto é só o início de um percurso que fazemos juntos...

Paolo Balduzzi





Aderentes

Livres e ativos

**Entrevista a Glória Duarte e Tim King, responsáveis pelo aspeto
«Testemunho e irradiação»**

Os aderentes existem na Obra desde os primeiros tempos. Daquelas 500 pessoas de que se fala na história do Ideal, alguns eram aderentes, membros da primeira comunidade de Trento. Era um pequeno grupo, destinado a tornar-se, com o tempo, numa multidão. Mais do que pelas estruturas da Obra, os aderentes são atraídos pelo carisma da unidade, um património que recebem intacto de Chiara e que, na liberdade e com as suas competências, vivem e transmitem ao seu redor. Na sua maioria são leigos, de todas as idades, nações e condições sociais, de todas as profissões e estados de vida. Com o desenvolvimento da Obra, entre os aderentes, há também pessoas de várias Igrejas, membros de outras religiões, mulheres e homens de convicções não religiosas. Todos unidos numa única característica: trabalharem na construção de um mundo mais unido.

A realidade dos aderentes, às vezes, é considerada como uma realidade de «passagem», antes de uma adesão a um dos outros ramos da Obra. É assim?

«Entre os aderentes há aqueles que desde o primeiro contacto com o Movimento, perceberam que o seu lugar na Obra era precisamente este. Outros chegaram lá depois de terem feito, anos antes, a experiência como gen ou noutra ramo da Obra. Alguns estão com os aderentes para descobrir em qual dos ramos da Obra Deus os quer, ou permanecem ali até abraçarem um estado de vida particular (por exemplo o matrimónio) e inserirem-se depois no ramo mais apropriado.

Mas uma coisa é certa: os aderentes são uma parte essencial da Obra. Sem eles a Obra não seria ela própria. E eles gostam de se sentir – e estão realmente – “dentro” da Obra. Assim como lhes pertence a sua espiritualidade e, com ela, os seus diálogos e objetivos».

Qual é a contribuição dos aderentes para a vida da Obra, nas suas várias expressões e nas comunidades locais?

«A exigência dos aderentes de se sentirem livres de estruturas, não contrasta com o desejo de se empenharem: encontramos-os a ser “locomotivas”, a promover

as mais diversas ações que o Movimento dos Focolares organiza no território, no campo eclesial ou social. A sua solidez faz com que sejam protagonistas na difusão das publicações e periódicos da Obra, sejam ativos nas Inundações, membros assíduos das comunidades locais, das quais, às vezes, são os animadores. São muitas vezes canais da Providência ao apoiarem a Economia de Comunhão e as nossas ações sociais, pessoalmente ou sensibilizando outros».

Como é a sua formação?

«Vão buscar alimento nos encontros ou congressos específicos, na Zona e no Centro, em reuniões nas comunidades locais ou mesmo frequentando livremente o focolar mais próximo. Um mundo variado e de grande amplitude, o dos aderentes, com os quais a Obra pode e quer realmente contar, pela escolha evangélica que transforma as suas vidas e que irradiam à sua volta».

Os Congressos de 2016, em Castel Gandolfo

Também este ano, como é habitual, houve no Centro dois Congressos para aderentes, devido aos muitos pedidos de participação, vindos de todo o mundo. O primeiro (de 21 a 23 de janeiro) teve sobretudo a presença da Europa, enquanto que no de 3 a 5 de março se registou uma numerosa participação dos outros continentes, com cerca de 30 nações representadas.

O programa, semelhante para os dois congressos, mas personalizado de acordo com os participantes, espelhava a perspetiva da Obra para este ano, tendo ao centro o tema da Unidade e o aprofundamento da Comunicação, como instrumento para o «Ut omnes». Falou-se também de «Juntos pela Europa» e dos nossos diálogos, em especial do ecuménico. Entre as várias experiências apresentadas, tiveram um forte impacto as do acolhimento ao migrantes e das ações sociais do Movimento, em especial no Médio Oriente e na América Latina. Histórias de



vida intensa que reforçaram nos participantes a consciência de que é possível um mundo melhor. São também muito apreciados os encontros de grupo, onde exprimiram a alegria e a importância destes congressos no Centro, para “carregar as baterias” e voltar para a zona mais sensíveis e mais predispostos a doarem-se aos outros. Foi significativa a mensagem que a Emmaus enviou, onde declara: «Sintam-me sempre convosco! Somos chamados a viver pela unidade em cada momento da vida, para que Deus, entre nós, ilumine, console, cure, dê respostas concretas e corajosas ao sofrimento e às esperanças da humanidade». E, agradecendo pelo muito que já fazem, deseja que « 2016 seja rico de frutos da misericórdia e da verdadeira alegria, que brotam da unidade».

A nossa experiência no coração da Obra

Até 2014 foram delegados de Zona depois, eleitos pela Assembleia, tornaram-se Conselheiros centrais. Como estão a viver esta nova página da vossa vida?

«Encontrámo-nos a servir a Obra – conta o Tim – de um modo para nós inesperado, o de promover o seu crescimento, o seu “sair”. Uma tarefa que exige, em primeiro lugar, que nós vivamos aquele amor recíproco que, como diz o Evangelho, dá testemunho e se torna irradiação. Ao pensar que dantes este aspeto era seguido por Graziella De Luca e Antonio Petrilli, só temos de esperar na graça de Jesus no meio. Da nossa parte, procuramos colocarmo-nos totalmente neste serviço com aquilo que recebemos. Por exemplo no meu caso, sendo inglês, conheço a língua que se está a tornar, cada vez mais, um instrumento universal para a comunicação do Ideal. Pelo facto de ter vivido numa Zona, numericamente não muito grande, posso compreender as dificuldades das Zonas mais pequenas. Mas, sobretudo, posso testemunhar a riqueza que representam para a Obra as pessoas das várias Igrejas.



Gloria Duarte e Tim King, responsáveis pelo aspecto "Testemunho e irradiação"

«Eu – prossegue a Glória – venho de uma Zona florescente, o sudeste do Brasil, com muitas vocações a todos os ramos da Obra, também entre os jovens. Trago dentro o entusiasmo do meu povo e o desejo de fazer com que o sonho de Chiara “levar a Deus o mundo nos meus braços” se concretize como Obra». «Para além de nos serem confiados os aderentes e as nossas manifestações típicas, como as Jornadas e as Mariápolis – continua – seguimos também as atividades de “sair” da Obra: as suas grandes manifestações, o Gen Rosso e o Gen Verde... Mas fazemo-lo como serviço característico das “cores”, como apoio que o Centro da Obra, através de nós, dá aos vários ramos ou membros, que têm a responsabilidade direta destes eventos».

Pela redação





Investir em formação, investir no futuro

«Em caminho: educar-se para educar» era o título da escola internacional, realizada em Castel Gandolfo, para animadores, educadores e assistentes de crianças e jovens

«A função do assistente é muito delicada. Deve ser uma pessoa capaz de dar a vida pelas pessoas que lhe foram confiadas. Juntos, nós podemos ajudar esta juventude [...] a atingir o desígnio que Deus tem para ela, na medida em que cada um de nós colocar Deus na base da sua vida». Estas palavras, ditas há alguns anos por Marco Tecilla (o primeiro focolarino), exprimem bem alguns dos traços característicos do formador, que sobressaíram durante a recente escola internacional, que tinha como objetivo oferecer percursos formativos aos animadores e educadores e assistentes de crianças e jovens, à luz das linhas pedagógicas que provém do carisma da unidade. Mais de 400 participantes, de 39 Países dos cinco continentes, de idades, experiências, formação e vínculo na Obra muito diferentes.

Promovida pelos centros gen3, Jovens por um mundo Unido, gen4, secretarias do Movimento Paroquial e do Movimento Diocesano, em colaboração com a Amu, a escola mostrou ser, desde a preparação, uma ocasião de trabalho em sinergia, para um melhor conhecimento das exigências formativas dos vários ramos e movimentos da Obra, e da partilha dos respetivos percursos educativos.



Os temas das mesas-redondas, moderadas por especialistas, eram enriquecidos pelo contributo da sala: microfone aberto para uma comunhão com testemunhos no campo, perguntas abertas para procurar juntos respostas e linhas de ação.

Friederike Koller e Angel Bartol, delegados centrais, iniciaram os trabalhos, que partindo das orientações saídas durante a Assembleia de 2014, sublinharam aquilo que surgiu neste campo, ou seja, a legitimidade em «investir na formação dos jovens e das crianças, apoiando projetos educativos, de irradiação e de serviço elaborados com eles», no desejo de «incrementar a colaboração entre todas as realidades das novas gerações a nível local, nacional e internacional». Portanto, uma escola para concretizar estas perspetivas. E qual é o modelo para nós? «Jesus, o mestre

por excelência, que tentamos que viva em nós e entre nós».

«Esta escola é um investimento para o futuro» disse mons. Vincenzo Zani, secretário da Congregação para a Educação Católica, que ofereceu algumas coordenadas fundamentais sobre educação, partindo da atitude original e específica de Chiara Lubich e chegando ao pensamento do Papa Francisco.

Araceli del Pozo Armentia, focolarina e docente do Instituto Universitário Sofia, também se referiu à escola de Jesus Mestre. Analizando a pessoa-relação no pensamento de Chiara Lubich, delineou alguns traços do perfil do educador, que se alimenta do carisma da unidade.



Foram muito interessantes os temas tratados sobre a comunidade educante e sobre educar para a dificuldade, tratados em mesas-redondas e confiados respetivamente a Teresa Boi, membro da escola Abbà para pedagogia, e a Patrizia (Perla) Bertoncello e Riccardo Bosi, focolarinos com um rico património de experiências com crianças e jovens.

As intervenções da AMU chamaram a atenção para o conceito do «homem-mundo», o identikit do homem e da mulher que queremos ser e formar, delineado por Chiara no famoso discurso às gen, em julho de 1972, onde já se falava da necessidade de «que os jovens se formem [...]

com uma mentalidade mundo».

Durante as tardes, um espaço de aprofundamento sobre temáticas específicas da idade das crianças e jovens e laboratórios com atividades práticas, com a explicação do seu valor pedagógico.

Um dos dias foi dedicado a encontros distintos para cada uma das realidades organizadoras, com muito espaço para o diálogo sobre projetos em curso ou projetos futuros: para os gen3 e Jovens para um Mundo Unido, um programa de formação trienal; para os gen4, um percurso de formação para os assistentes; para o Movimento Paroquial e o Movimento Diocesano, visou-se uma formação ao Ideal para crianças e jovens das paróquias.

Uma escola que, para muitos, pareceu o início de um percurso a continuar nas Zonas: concretizando algumas das linhas de ação saídas dos trabalhos; na formação dos outros animadores e assistentes, encarnando juntos, localmente, os

pontos recebidos nestes dias; pela sinergia no Centro e nas Zonas, incrementando também o contributo dos jovens e das famílias.

É possível encontrar o material da escola em:
<http://incammino2016doc.tumblr.com/>
password: 2016incammino



Famílias Novas Regenerados pelo Amor

Encontro para separados em nova união



Um aperitivo de boas vindas acolheu, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, no dia 26 de fevereiro, os oitenta participantes vindos de Espanha, França, Hungria, Itália, México e Costa Rica. O jantar, juntos, foi depois o momento para iniciar a conhecer-se e a dialogar.



Assim se estabeleceu um clima de acolhimento e de confiança recíproca, preciosa plataforma para desenvolver, nos dias seguintes, um específico percurso temático: do saber-se amados até conseguir amar os outros, na família e nos vários ambientes de vida, aperfeiçoando a capacidade de atenção e diálogo no casal. De grande luz foi o discurso de Chiara em Malta quando, em 1999, falou do Pai. Incidiu profundamente no coração dos presentes, fazendo redescobrir a verdade do amor incondicional de Deus por cada um dos seus filhos. Outros pontos luminosos: a «arte de amar», pérola do Carisma, e as experiências de casais e pessoas presentes que, com grande humildade e sinceridade, partilharam sofrimentos e dúvidas, mas

também a alegria da reconciliação consigo mesmos e com os outros.

Foi muito apreciada a intervenção do Pe. Paolo Gentili, diretor do Secretariado da Pastoral Familiar da Conferência episcopal italiana, que transmitiu o carinho e a misericórdia do Papa Francisco por quem experimentou o fracasso da própria relação familiar, mostrando os caminhos de acolhimento abertos na Igreja (ver caixa). De misericórdia «falaram» também as obras de Michel Pochet, focolarino pintor, por ele próprio apresentadas. Muito intensa foi depois a vigília de oração, acompanhada pelo coro da Mariápolis Romana, com o beijo ao crucifixo, o mesmo que, no longínquo ano de 1943, Chiara Lubich tinha diante de si enquanto, rezando, se preparava para a sua consagração a Deus: uma forte experiência apresentada por Doni Fratta, focolarina que viveu durante muito tempo ao lado dela.

A Missa de domingo, preparada com muito cuidado juntamente com alguns participantes, foi celebrada pelo Pe. Natale Monza, sacerdote



Da Exortação apostólica *Amoris Laetitia* do Papa Francisco

Os baptizados que se divorciaram e voltaram a casar civilmente devem ser mais integrados nas comunidades cristãs. [...] A lógica da integração é a chave do seu acompanhamento pastoral, para que, não só saibam que pertencem ao Corpo de Cristo que é a Igreja, mas possam ter nela uma alegre e fecunda experiência. São baptizados, são irmãos e irmãs, o Espírito Santo derrama sobre eles dons e carismas para o bem de todos. A sua participação pode exprimir-se em diversos serviços eclesiais [...] no âmbito litúrgico, pastoral, educativo e institucional [...] podem viver e amadurecer como membros vivos da Igreja, sentindo-a como uma mãe que os acolhe sempre, cuida deles com afecto e encoraja-os no caminho da vida e do Evangelho. (AL 8,299)

focolarino presente em todo o programa. No momento da comunhão, ele convidou aqueles que não podiam receber a Eucaristia a recolher-se numa unidade maior com Jesus Abandonado e aproximar-se igualmente do altar para a bênção. Um casal disse: «Temos no coração duas palavras experimentadas nestes dias: Amor, quando recebemos as palavras da liturgia traduzidas para que as pudéssemos

seguir bem; Unidade, enquanto, em fila com os outros, voltávamos da bênção, chorámos, mas depois demo-nos conta também que aqueles que tinham recebido a Eucaristia choravam connosco».

As impressões finais e as saudações, com o empenho de manter vivos os relacionamentos de fraternidade construídos, testemunharam as mudanças que se realizaram: «Estou no meu terceiro encontro aqui – disse uma das participantes - . No primeiro, cheguei carregada de raiva e tranquilizei-me um pouco; no segundo, percebi que devia dizer o meu “sim” e obedecer... Neste encontro, senti que a minha dor se transformava numa maior capacidade de amar». E um outro: «Impressionou-me ouvir dizer que de “últimos” pode-se e deve-se tornar “primeiros”, junto dos outros e isto é aquilo que quero continuar a cultivar dentro de mim: fazer de modo a não automarginalizar-me, mas deixar-me abrir cada vez mais a Deus, num caminho, dia após dia, de aprofundamento da Palavra e de procurar vivê-la em conjunto com os outros».

Os acompanhantes, vindos das Zonas, ficaram no Centro Mariápolis mais um dia, para aprofundar, com a ajuda de alguns especialistas, temáticas e metodologias de apoio aos casais em novas uniões. No rico diálogo que se seguiu, surgiram muitas perguntas, que permitiram clarificar dúvidas e dificuldades, sobretudo através da partilha de experiências positivas. A nota comum foi a paixão por este especial rosto de Jesus Abandonado, no impulso de continuar neste serviço da Obra, numa realidade que hoje em dia está entre aquelas que mais pedem ajuda.

*ao cuidado da secretaria internacional
de Famílias Novas*





A Ásia, um grande potencial

Este ano festejou-se o quinquagésimo aniversário da chegada do Ideal da unidade à Ásia e à Oceânia. Os testemunhos de Giò Vernuccio e Silvio Daneo, entre os primeiros focolarinos que chegaram a estes continentes

Em fevereiro de 1966, três focolarinas e dois focolarinos aterraram pela primeira vez em Manila (Filipinas). Dali a pouco tempo, o Ideal da unidade começou a difundir-se, atingindo quase todo o continente asiático, a Oceânia e as ilhas do Pacífico. Para recordar aquela data, houve vários eventos. Para a ocasião, a Emmaus Maria Voce e Jesùs Morán enviaram uma mensagem de saudações. A Emmaus recordou, entre outras coisas, o que Chiara disse em 1982: *«Uma das alegrias que experimentei no decurso desta, apesar de veloz, viagem através das Zonas asiáticas, foi ver como se fazem as coisas com seriedade e como se põe em prática imediatamente aquilo que é dito»*. Jesùs, falando da Ásia e das suas características, afirmou: *«A vossa abertura ao diálogo é uma preciosa experiência, que devem desenvolver com determinação e confiança. Neste sentido, consideramos que o Movimento na Ásia é um grande privilégio para a Igreja e para a sociedade, e, sem dúvida, também para nós»*.

Em dois dos eventos programados, em fevereiro passado, um na Mariápolis Paz de Tagaytai, outro em Manila, fizeram parte



Tagaytay, fevereiro de 2016. No centro, Gio Vernuccio com, à esquerda, Martita Blanco e Meg Poiani

também a Giò Vernuccio, Silvio Daneo, Martita Blanco, Giacomo Pellizzari, o pe. Víctor Agius e Meg Poiani, que estavam na Ásia naqueles primeiros anos. Estavam presentes também a Antonella Liguori e o Roberto Catalano, conselheiros do Centro para a Grande Zona da Ásia, juntamente com uma centena de pessoas que vieram, não só das Filipinas, mas também do Japão, Coreia, China, Tailândia, Myanmar, Vietname, Laos, Indonésia e Austrália.

Giò, estás de regresso da Ásia, onde participaste nas celebrações do quinquagésimo aniversário. Qual é a tua impressão?

Muita unidade entre todos! Não no sentido que seja uma novidade, mas que se mantém também hoje, apesar das circunstâncias serem diferentes. Vi um grande entusiasmo por nos reencontrarmos, depois de tantos anos, com o Silvio Daneo,



comigo e com todos aqueles que estávamos ali. A impressão foi de alegria pelo dom de Deus que foi e é o Ideal da unidade naquele continente. Vi pessoas felizes. E isto disse-me tudo. Olhando para as várias realidades da Cidadela de Tagaytay, posso dizer que tudo

se desenvolveu segundo a linha que Chiara nos tinha dado, num progresso como ela teria querido. E, exactamente nos dias em que eu estava ali, consegui, como um milagre, ver o início da realização da Igreja da Cidadela, que Chiara me tinha indicado para fazer como primeira coisa!

Estiveste na Ásia durante 43 anos. Quando é que o fantasioso amor de Deus mais te surpreendeu?

Não me surpreendi nunca. Lembro-me que estava há um ano na Ásia quando, na primavera de 67, tive a possibilidade de me encontrar com Chiara na Suíça e lhe fiz uma longa, espontânea narração daquilo que tinha acontecido. «*Olha Giò – disse-me ela no fim – não há zona que me tenha dado tanto a impressão de que foi Nossa Senhora a fazer tudo, como esta*». Maria! E quem se não Ela? Se pensarmos na vastidão da Ásia, na complexidade das culturas, das línguas... E nós, há cinquenta anos, éramos cinco: Guido Mirti (Cengia), um dos primeiros focolarinos de Roma, Silvio Daneo, jovem focolarino de Turim - com o qual tinha partilhado a experiência nos EUA e onde tínhamos também aprendido inglês, Ednara Tabosa (Doni) e Magdalena Brandao

Silvio Daneo, à esquerda, com Carlo Gentile



(Grazie) com menos de vinte anos, que tinham acabado um ano na nascente escola de formação de Grottaferrata (Roma). No coração, a ânsia pelo «Ut omnes» e a certeza de que Jesus entre nós conquistaria o continente. Sim, foi Maria a fazer tudo.

Estive sempre convencidíssima disso. Ela e mais ninguém. E hoje, reencontrando-me na Ásia, no meio dum povo proveniente dos dois continentes, esta realidade via-se, sentia-se nos corações dos presentes: tudo era fruto do Seu amor e da fidelidade de muitos, em todos estes anos.

Silvio, voltando à Ásia cinquenta anos depois da primeira viagem que te levou ali, o que é que te emocionou mais?

Durante a Jornada em Tagaytay, com mais de 1200 pessoas, voltei atrás no tempo. No mesmo mês, cinquenta anos antes, tinha chegado à Ásia. Então, era um rapazinho de vinte e quatro anos. Mesmo se começámos nas Filipinas, Deus levou-nos, desde o início, a muitos outros Países. Recordo que, já na viagem de Roma a Manila, parámos no Paquistão, na Birmânia, na Tailândia. Em todo o lado nos diziam: «Quando abrem o Focolar?». E não tínhamos ainda chegado nem sequer a Manila! E hoje, ver as delegações de todas estas nações, quer dizer que lá, agora, está a Obra de Maria desenvolvida. Depois, Chiara estava presentíssima entre todos e em todo o lado, mesmo se muitos nunca a viram. Perguntávamos: «Mas quem pode ter feito

uma coisa do género?» Nem mesmo longinquamente podemos pensar que temos alguma coisa com isso, é obviamente Obra de Deus. Então o que é que nós fizemos? Veio-me uma comparação. Se alguém vai ver a Gioconda de Leonardo ou a Pietà de



Chiara Lubich (ao centro)
com o P. Pasquale Foresi,
Igino Giordani e Ginetta Calliari,
em Fátima, em 1955



Portugal

Uma terra amada por Maria

Faz 50 anos que o Movimento dos Focolares está em Portugal. Recordação dos seus primeiros testemunhos e a vitalidade atual da Obra

1966 - 21 de fevereiro: debaixo de uma chuva torrencial, na frescura dos seus 24 anos, Conceição Lins e Gehilda Cavalcanti, focolarinas brasileiras, chegam de comboio a Lisboa, para abrir o focolar. Para recebê-las estava a Eletta Fornaro, focolarina italiana, vinda de Espanha. Um quarto alugado, algumas pessoas e uma pergunta: «Estão prontas a tudo? Aqui só há Jesus Abandonado!». Chiara, por amor a Nossa Senhora de Fátima, «que tem muito a ver conosco», desejava o focolar. Será, disse ela: «o focolar de Maria». Tinha-se pensado que se iria abrir um focolar em Madrid, mas, inesperadamente, Chiara qui-lo em Lisboa, ponto de chegada e de partida dos focolarinos brasileiros, que seriam assim acolhidos na Europa.

Gostamos de pensar que, pelo amor de Chiara a Nossa Senhora de Fátima, a história do Ideal em Portugal teve os seus primórdios em 1955, quando ela, com o Padre Foresi e Foco, vieram visitar Fátima.

A Conceição e a Gehilda procuraram uma casa e trabalho. Passado um mês, num pequeno apartamento sem móveis, elas contam: «Certo

Miguel Ângelo não pergunta que escapelo usou o artista ou onde está o pincel com que fez os últimos retoques. Olha-se para a obra de arte, fica-se encantado, dá-se glória a Deus e, pensando no autor, dizemos: «Que obra maravilhosa!». E assim, diante das pessoas da Obra na Ásia, vinha-me de dizer: «Qual é a obra de arte? São vocês!». Agradeço a Deus por ter tido o privilégio de ser um pincelzinho, sem o qual a obra de arte não teria surgido. A mim, como a tantos outros, aconteceu a extraordinária aventura de poder dizer a Deus: Obrigado por me teres usado como um pequeno instrumento, talvez hesitante, pouco dócil, mas a obra de arte foste Tu que a fizeste».

Tu reuniste a história destes cinquenta anos, recentemente, num livro editado em inglês e que brevemente será publicado também em italiano.

Sim, o título é *My life across the oceans*, em italiano será *Uma vida entre quatro mares*, porque recorda a frase de Confúcio: «Entre os quatro mares, somos todos irmãos». É a história da Giò e minha, nos EUA e depois na Ásia, juntamente com o Cengia. O livro é feito de muitas experiências, que mostram o que Deus inventou! E percebe-se muito bem, através daquelas páginas, que nós só fomos um instrumento.

Por Anna Lisa Innocenti



Gen de Portugal e Espanha no Congresso Gen, junho de 1968, em Rocca di Papa

dia vieram alguns rapazes e um deles exclamou: "Que maravilha, esta casa é bem diferente das outras. Tem qualquer coisa. Respira-se, há muita paz!"».

Uma atmosfera que rapidamente se difundiu: do norte de Portugal até às suas Ilhas. Uma vida que fala de encontro com Deus, de eleição: «... Descobria-se o cristianismo: um apelo interior a uma profunda conversão».

Com entusiasmo, prepararam-se para participar, em Espanha, na Mariápolis de Ávila. Mas Portugal estava em plena guerra colonial e, aos

do focolar e que, hoje, estão espalhados pelos cinco continentes; voluntários e voluntárias que, desde o primeiro momento, se lançaram no serviço de Deus para transformar o mundo; famílias inteiras, sacerdotes, religiosos...

Abundância de vida que se concretiza no surgir da cidadela Arco-Íris e no desenvolvimento das comunidades em todo Portugal. Realidades que, passados 50 anos, nos estimulam a festejar, agradecer e a olhar em frente.

Em outubro de 2015, com o aplauso das 800 pessoas que estavam no encontro do início de



Celebrações do cinquentenário no Porto e em Lisboa

40 rapazes que estavam no grupo que partiria, foi proibida, pela polícia, a saída do País. Chiara, quando soube isto propôs que, mesmo se fosse só para esses 40 jovens, se fizesse a Mariápolis em Portugal. Assim, em outubro de 1966, realizou-se em Fátima a primeira Mariápolis, com cerca de 100 pessoas, entre as quais jovens provenientes das ilhas dos Açores. Em 1967 abre-se, em Lisboa, o focolar masculino.

Nascem os primeiros gen, sinal da vitalidade dos jovens que aderiram à vida comprometida no «Que todos sejam Um».

Em pleno '68, chegou a madre Cecília Sequeira, uma religiosa portuguesa, com um grupo de alunas do colégio, ao Centro Mariápolis de Roccati Papa. Nessa ocasião Chiara propôs uma Palavra de vida para Portugal: «Confie, eu venci o mundo» (Jo, 16, 33), acrescentando: «no final, o meu Coração Imaculado triunfará».

São estes os inícios de uma história que se entrelaça com histórias pessoais: jovens que fazem a opção de viver por um mundo unido, dos quais, cerca de 100, deixam tudo para fazer parte

ano, foi apresentado o logotipo do cinquentenário e deu-se início às comemorações. Como é que podemos festejar? Diversíssimas ideias se concretizam aqui e ali: festas, reuniões, momentos de oração. Acolhendo a vida semeada nesta «terra de Santa Maria», muitos dos que conheceram o Ideal se aproximam. A Cidade Nova narra a história de cada realidade da Obra. O timbre de festa reina em cada encontro!

Na última noite do congresso gen 2016, uma explosão de «maravilha» foi provocada neste cinquentenário, pela interpretação da vida dos jovens, através das canções e coreografias por quantos foram integrantes dos conjuntos gen, ao longo dos anos. A alegria dos gen2 dos nossos dias impulsiona os «antigos gen», e provoca neles o desejo de retomar o ímpeto dos primeiros tempos, enquanto os «novos», devido à dimensão da história percorrida, sentem reforçada a sua responsabilidade atual. Festa houve também no dia 21 de fevereiro onde foram testemunhas os primeiros enamorados pelo grande Ideal que Chiara deu a tantos corações; assim como no dia

13 de março, quando se apresentou «Chiara Lubich – o diálogo e a paz», momento no qual dois jornalistas e o Presidente da Comissão Justiça e Paz realçaram a sua vida que é sempre atual.

Diálogo com a cultura, nas conferências realizadas em Lisboa, com o título «Pensar Portugal Atual», tendo sido a primeira com o professor Marcelo Rebelo de Sousa, posteriormente eleito Presidente da República. Foram já realizadas quatro conferências e mais quatro estão programadas até ao final do próximo mês de outubro, também com a participação do patriarca de Lisboa, cardeal Manuel José Macário do Nascimento Clemente. As comemorações deste cinquentenário concluirão em novembro, em Fátima, com toda a Obra, a Igreja e diversas personalidades do âmbito civil e religioso. Será com Maria que, na Obra, nos torna um corpo capaz de irradiar luz num arco-íris de vida. Na fidelidade ao Carisma nós queremos ser, como Chiara nos disse uma vez, «um sinal tangível da predileção de Maria pelo povo português».

Teresa Guedes, Paulo Melo

Lituânia

Prudência, sapiência e coragem

O primeiro focolar em Vilnius abriu há vinte e cinco anos: uma oportunidade para voltar a percorrer a história desde a chegada do Ideal da unidade à Republica báltica

Foi uma festa tripla a do dia 13 de março, no seminário sacerdotal de Vilnius, onde estiveram cerca de 180 membros e amigos do Movimento para celebrar a partida de Chiara Lubich para o Céu, os 25 anos da abertura do primeiro focolar na Lituânia, assim como para saudar o Nico Tros, focolarino holandês, que, depois de vinte anos, deixa a Lituânia para ir para a cidadela ecuménica de Ottmaring, na Alemanha.

Um dia em família, com o cardeal de Vilnius, A. J.Backis, o bispo E. Bartulis, o reitor do seminário Hans-Friedrich Fischer, os nossos amigos de Comunhão e Libertação e os da comunidade de Fé e Luz. Sentíamos a alegria de ser uma família que cresceu junta e que continua a crescer dia após dia. Atualmente, em Vilnius, há dois focolares femininos e um masculino, aos quais estão confiados a Lituânia, a Letónia e a Estónia.

Começámos com uma Missa solene e participada e terminámos com velas de fogo-de-artifício no bolo. Não faltaram os momentos de meditação e partilha de experiências, de sorrisos e comoção. Percorremos também algumas das etapas significativas da difusão do Ideal da unidade na

Lituânia. Por exemplo, recordámos o significativo encontro, em 1967, na que era nessa época a Checoslováquia. Cerca de oitenta eram da Lituânia, entre os quais, Aldona Lapiskiene, e Pavol Ferko, que mais tarde se tornou focolarino casado. Pavol, que encontrava com frequência a Aldona na igreja, reuniu-se por segurança com ela num parque e contou-lhe a história do ideal da unidade,

Uma das primeiras Mariápolis, entre os bosques da Lituânia





que ele acabara de conhecer. Outros encontros se seguiram a este primeiro. Aldona ficou muito tocada, porque constatou que era possível viver o Evangelho até num País como a Lituânia, onde o regime era completamente antirreligioso. Tanto ela como o marido, com o tempo, tornaram-se o ponto de referência para as pessoas do Movimento, que ia nascendo nesta terra.

Outra apóstola do Ideal da unidade na Lituânia foi a irmã Birute Gucaite, da congregação de Jesus Eucaristia. Em 1980, Hans-Friedrich Fischer, do Oratório de Leipzig, um sacerdote atualmente reitor do seminário, pediu-lhe que convidasse para vir a Vilnius a Andrea Pasiëka, focolarina que vivia na então Alemanha Oriental. Foi por meio dela que a irmã Birute conheceu o Movimento e, logo no ano seguinte, fez uma viagem pelos focolares da ex-Alemanha de leste. Ela conhecia bem o p. Jonas Lauriunas, jesuíta e pároco numa aldeia nos bosques da Lituânia. Ele era uma autoridade espiritual e, para limitar as suas atividades, a polícia secreta impôs-lhe que vivesse fora das grandes cidades. Homem de Igreja, muito aberto e corajoso, acolheu com agrado a proposta de, mensalmente,

receber no seu correio a palavra de vida que, em Berlim (na Alemanha) se traduzia para Lituano e se transcrevia em muitas cópias, usando o papel químico, com uma máquina de escrever, e que depois era distribuída por quem a quisesse viver. Formou-se deste modo um pequeno grupo, para o qual todos os momentos eram bons para se encontrar, partilhar, e juntos viver o ideal, que recentemente tinham conhecido. Era necessário ser-se prudentes, ter sabedoria e coragem, o que jamais faltou, sobretudo à irmã Birute. Em fevereiro de 1991, foi justamente a sua família que hospedou as duas focolarinas alemãs do primeiro focolar de Vilnius: Christina Warmbier



e Utelhl. Nesta capital da Lituânia, desde 1988, já vivia também Giuseppe (Clari) Santanchè, um focolarino italiano, que trabalhava como médico e que, no hospital universitário, ensinava um método novo de anestesia. A partir de 1991, iniciou-se uma nova época da história do Movimento na Lituânia, País que dava os seus primeiros passos na liberdade. Depois de quase cinquenta anos de regime soviético, em que era proibida a prática religiosa, a igreja Católica era obrigada a viver e trabalhar em silêncio. Uma história muito interessante que foi ouvida naquela sala, onde estavam sentados, lado a lado, os que existiam há vinte e cinco anos, os que viviam o Ideal da unidade ainda antes da chegada do focolar e... os que há vinte e cinco anos ainda não tinham nascido!

Vilma Banyte



Em direção a Munique 2016

A dádiva da Europa ao mundo atual

Está mais próximo o encontro marcado com «Juntos pela Europa», que se realizará em Munique da Baviera, de 30 de junho a 2 de julho. Um caminho cheio de projetos para o destino do «velho continente»

No mês de novembro passado, os Movimentos e as Comunidades de «Juntos pela Europa» (IpE) trabalhavam já na preparação de «Munique 2016», na Holanda, na Cidadela Marienkroon, justamente no momento dos atentados de Paris. Facto que provocou que eles fizessem uma declaração pública, afirmando a decisão de intensificar o seu compromisso no que se refere aos valores da Europa e da paz. Compromisso este que se torna ainda mais urgente pelos sucessivos atos de terrorismo em Bruxelas e o drama dos refugiados, nas portas de entrada do Continente.

Quem conhece «Juntos pela Europa» sabe muito bem que não se trata de um evento, mas de um caminho que, tendo iniciado em 1999, continua a avançar e a difundir, envolvendo um número cada vez maior de Movimentos e Comunidades de diversas Igrejas e comunidades cristãs. A adesão à edição 2016, que se realizará em Munique da Baviera, na Alemanha, nos finais de junho, conta já com mais de 300 movimentos e comunidades de vários Países. As fronteiras de «Juntos pela Europa», não coincidem

claramente com os da União europeia, mas sim com os da Europa continental, desde o Atlântico «aos montes» Urais.

Há quem fale de uma espécie de «espírito de Juntos», quase como um modo de conceber os relacionamentos, que são a sua base e caracterizam todos aqueles que fazem esta experiência. Experiência que já ultrapassou o continente europeu e tem frutos significativos também em Países de além-mar.

Na caminhada em direção a «Munique 2016», os Países da Europa do Leste têm um envolvimento persuasivo. Sinal de que, este trabalhar juntos, leva a descobrir os tesouros que os diferentes carismas podem oferecer às crescentes necessidades e contradições com que o Continente se depara.

«Pedimos aos cristãos da Europa oriental e ocidental que se unam, para, juntos, serem testemunhas de Cristo e do Evangelho. De maneira que a Europa conserve a sua alma, formada

1 Cuba, 12 de Fevereiro de 2016. Declaração comum do Papa Francisco e do Patriarca Kirill de Moscovo e de toda a Rússia, n.16



Roma, 6-7 abril de 2016. A Comissão de Orientação de «Juntos pela Europa» encontra-se na Comunidade de Santo Egidio.

pelos dois mil anos de tradição cristã¹, disseram, no seu encontro em Cuba, no passado mês de fevereiro, o Papa Francisco e o Patriarca Kirill.

Em que se focaliza a atenção? A Emmaus, depois de ter participado, nos dias 6-7 de abril, na Comissão de Orientação de «Juntos pela Europa», a certa altura, afirmou: «*Parece-nos importante que sobressaia tudo o que existe de positivo. Até o Papa diz que, nas cidades, há estas "cidades escondidas": as que são do mal, e que contribuem para a contaminação do ambiente, e também as do bem, que contribuem para o tornar respirável, inserindo-lhe paz e amor.*»

Veio muito em evidência a importância dos diálogos, a todos os níveis: são o comportamento correto para se estar juntos e fazer alguma coisa «para», alguma coisa «pela humanidade que nos rodeia». *Isto sem que olhemos só para a Europa*, pois, continua a Emmaus, «Nunca nos devemos deter. Nós fomos chamados ao 'que todos sejam um', por isso, um continente é demasiado pequeno diante do «que todos sejam um».

Tentemos perceber: o que a Europa tem para dar ao mundo é precisamente a experiência destes dois mil anos de cristianismo, em que amadureceram ideias, cultura, vida, ações úteis ao mundo atual... e que, lamentavelmente, até agora, não vieram suficientemente em relevo. Porque, neste momento, aquilo que vem em relevo na Europa são as dificuldades, os dramas, as barreiras, a intolerância. E, inversamente, não se evidencia todo o bem que existe.»

Produzir os frutos, juntos

Tendo em vista o acontecimento de Munique, no dia 21 de abril, em Genebra - organizada pelo Conselho Ecuménico das Igrejas

500 anni di divisione bastano
- l'unità è possibile!

INSIEME PER L'EUROPA
INCONTRO RICONCILIAZIONE FUTURO

Chiese diverse, gente che fugge dal proprio Paese, povertà e causa delle varie crisi in Europa - Cristiani di diversa Chiesa e Comunità dicono di sé un'unità composta nella diversità naturale.

2 luglio 2016
dalle ore 14 alle 22

Karlsplatz (Stachus), Municipio di Baviera

Logo of the Catholic Church, Protestant Church, and Orthodox Church.

Todas as informações para Munique 2016 em www.together4europe.org, o site de "Juntos pela Europa" completamente renovado

(CEC) e pelo Movimento dos Focolares - houve uma mesa-redonda com o título: «Europa. Que identidade? Que valores?». Pasquale Ferrara, diplomata e docente universitário, sustentou que na Europa, hoje, mais do que falar e referir-se às suas raízes, é necessário produzir, juntos, «frutos cristãos». Apresentar como parte da solução «a "regra de ouro", que nos convida a «fazer aos outros o que gostaríamos que nos fizessem a nós». Esta regra - prossegue Ferrara - «não é apenas um valor ético, mas assume uma dimensão política, porque se trata de repensar na natureza e no caráter da comunidade política». Por sua vez, o dr. Olav Fykse Tveit secretário-geral do CEC, que, na Jornada de Munique, vai fazer uma intervenção, realçou o envolvimento da sua instituição nesta «peregrinação de justiça e de paz», que estimula as Igrejas a ir à raiz da sua própria fé, a abrir-se e a esperar. Esta "ocasião" do mês de junho, entre outras coisas, é considerada como uma etapa do caminho, em direção a 2017, cinquentenário da Reforma de Lutero, no esforço de ser um sinal profético de uma Europa reconciliada e unida.

Foi confirmado nestes dias que o Papa Francisco e o Patriarca Bartolomeo vão enviar uma vídeo-mensagem. O caminho continua.

Gianna Sibelli

Em diálogo

Na rota da fraternidade universal

Os amigos de convicções não religiosas no Centro da Obra,
para uma jornada de diálogo e análise

«Temos que elaborar uma linguagem comum "integrada", quer dizer, traduzir os valores de uma linguagem na linguagem do outro. «Juntar aquilo que une e harmonizar o que divide, através da análise das raízes das específicas identidades culturais e formas de pensar, numa comparação serena e aberta». Uma síntese e um programa, foi a observação de Moreno Orazi (Itália) que descreve bem a rica, vivaz e profunda jornada de reflexão, que se realizou no Centro da Obra. Participaram cerca de oitenta pessoas, algumas de convicções não religiosas, vindas de Espanha, Bósnia, Itália, Uruguai, Argentina e Hong Kong.

«Percorreu-se muito caminho juntos e, claro, não sem dificuldades – fez notar Luciana Scalacci (Itália), recordando os inícios do diálogo e a sua relação pessoal com Chiara -. A primeira coisa que tivemos que ultrapassar foi, evidentemente, o ceticismo: no âmbito dos não crentes, a preocupação de que se tratasse de uma



Piero Taiti e Luciana Scalacci

manhosa ação de proselitismo; da parte dos crentes, que os não crentes tentassem pôr em causa as suas «certezas». Acrescentou Luciana: «A única que nunca teve qualquer preocupação foi Chiara Lubich, que tinha compreendido que o longo caminho para a "fraternidade universal" não pode deixar de passar através das vias de um confronto respeitoso com todos ».

«Para estabelecer um relacionamento com os demais – concluiu Luciana – é necessário, antes de tudo, conhecer-se a si mesmo (o que não é fácil) e oferecer aos outros a sua própria verdade, com amor e desinteresse pessoal, e estar dispostos a considerar tão importante a verdade do outro quanto a própria. As duas verdades que se encontram elaborarão, para cada um, uma terceira verdade, ainda mais verdadeira».

Piero Taiti comentou: «Chiara, desde 1983 neste diálogo, apresentou-se a nós com





Jordi Illa



Com Arnaldo e Diana, pioneiros do diálogo



Jesús Morán

a sua digna veste de trabalhador da vinha do seu Senhor (tal como se quis apresentar o Papa Bento XVI) e recusando-se a conversar conosco por proselitismo, confiou-nos o seu sonho: a fraternidade universal, para a qual solicitou a nossa contribuição; o seu desejo de unidade da família humana, fundada na radical interpretação da Palavra; a sua grande fé no amor recíproco. Ela confirmou a nossa laicidade, dando-nos e pedindo-nos respeito pelas suas e nossas posições..

No âmago dos problemas e das possíveis soluções

Seguidamente, os diferentes grupos, por língua, penetraram nos problemas concretos e nas possíveis soluções. No numeroso grupo italiano, estavam também os dois delegados da Zona Itália. Entre as mais ricas experiências, a do Uruguai, com grupos de pessoas de diferentes idades, que semanalmente partilhavam vários temas e atividades. Relevante foi também a contribuição da Espanha, com grupos espalhados por todo o território. «O diálogo, para mim, é primordialmente um instrumento – afirmou Jordi Illa, de Barcelona –. Se eu quero o bem para quem está ao meu lado, se procuro o bem comum e a melhoria da convivência humana, considero imprescindível o diálogo. Na base dos conflitos interpessoais e de comunidades maiores está a falta de diálogo. Chiara é um modelo. Ela mostra-nos o caminho para a unidade. Todos podemos viver esta espiritualidade, claro

que com motivações diferentes, mas todas elas com idênticos resultados».

«Quando conheci o Jordi, um não cren-te de quem me enamorei – contou M. Àngels Capellas, de Barcelona, fiz a experiência de que, com ele, eu sentia-me livre de me expressar a mim mesma, assim como o que eu vivia como cristã, membro do Movimento. A sua maneira de ver não era um impedimento para que eu vivesse o meu compromisso pessoal. Pelo contrário, ajudava-me, porque fazia com que eu tivesse os pés assentes na terra. A sua coerência de vida, a sua honestidade, ajudaram-me a descobrir que podíamos, juntos, dar passos que antes eu pensava que fossem só cristãos».

Finalmente, e muito esperado, Jesus Morán fez, em voz alta, uma reflexão acerca do que significa dialogar: nas várias tradições religiosas, segundo uma perspectiva laica, e também na especificidade dos Focolares, com aquele estilo que, «o gênio de Chiara» nos ensinou. A assembleia pediu que se aprofundasse aquilo que nos liga, mais do que entre as religiões, culturas e ideias diferentes. Sobre o que é este vínculo nosso, que torna possível o encontro entre pessoas de convicções diferentes e que encontra o seu terreno ótimo na cultura da unidade. «Jesús entusiasmou-nos para que, não obstante as dificuldades que encontramos, seguissemos juntos nesta direção» e «lançou-nos sobre um "trampolim" para que nos abrissemos e caminhássemos sempre em frente».

Vida Rus, Andrew Camilleri

Do diálogo à comunhão

Os três dias dos responsáveis pelo diálogo na Igreja Católica, em Castel Gandolfo

Um momento muito ansiado, um misto de novidade e crescimento para os setenta participantes – com uma representação de alguns delegados dos vários ramos da Obra – na escola do Primeiro Diálogo, que se realizou em Castel Gandolfo, de 1 a 7 de abril. Tinham passado quatro anos desde o último encontro, e por isso eram muitas as caras novas que se misturavam com as já conhecidas. Pela primeira vez, estavam também a Margaret Karram e o Marc St-Hilaire, os novos responsáveis deste Diálogo, no Centro. É quase um desafio na nova configuração da Obra, que ainda se está a delinear, deixando em aberto, de certa forma, a incerteza de circunstâncias desconhecidas e imprevisíveis, prevalecendo a alegria de um encontro para o diálogo e a partilha de uma comunhão alargada.

Esta escola era uma aposta que queria reunir todos os que, no mundo, estão empenhados em desenvolver o diálogo na Igreja Católica, quer a nível do compromisso nas organizações

eclesiais, quer no caminho da comunhão com outras realidades carismáticas. Um diálogo que Chiara denominou o *Primeiro diálogo*, recordando a história do Movimento que, quando nasceu, teve como primeiro interlocutor a Igreja Católica. Os poucos contactos preparatórios, mostraram, mais tarde, uma participação concreta, uma riqueza inesperada e surpreendente, sinal expressivo de um «rebento» do Pentecostes '98 que foi começando a ser, definitivamente, um fruto maduro de eclesialidade e humanidade. A presença, sobretudo da Europa: Itália, França, Hungria, República Checa – alguns em ligação por Skype – foi complementada por onze brasileiros que, parafraseando o Papa Francisco, nos levaram «ao fim do mundo»! Foi essencial a participação geográfica diversificada, para se poder saborear, partilhar e desenvolver os temas dos três dias. O "Diálogo" foi o protagonista por excelência, em todas as suas vertentes, que teve um momento de partilha por grupos com os Centros dos





Da esquerda para a direita: P. Edie Bethlem, da Comunidade Católica Shalom; Danusa Rego, da Comunidade Canção Nova; Carine, da Comunidade Emanuele; P. Giacomo Pavanello, de Novos Horizontes.

Diálogos Ecumênico, Inter-religioso e com o de pessoas de convicções não religiosas. Foram muito interessantes e variados os contributos dos participantes, através de experiências apresentadas pelo Conselho Diocesano – o de Gaeta (CDAL) – e de quatro Movimentos: Comunidade Emanuel, Comunidade Novos Horizontes, Comunidade Católica Shalom e Comunidade Canção Nova. O momento em que foi feita a afirmação: «Estamos juntos, não para fazer actividades, mas para dar testemunho do Evangelho», realçou o valor da comunhão entre os vários carismas.

Foram muitos os pontos de reflexão e meditação que valorizaram o encontro: desde o reconhecimento da criação, no interior da Igreja Católica, de carismas geradores de novas realidades carismáticas, até à experiência, de âmbito eclesial, de um sacerdote; trechos sobre o diálogo do *Paraíso'49*, e meditação sobre a Misericórdia. Por fim, uma «pérola»: Igino Giordani (Foco) e o Primeiro Diálogo, uma verdadeira profecia inesperada! Eis um pequeno excerto: «...Naquela altura trabalhávamos um pouco ao acaso. Cada ordem tinha o seu próprio quintal, cada comunidade o seu ambiente, cada escritor fazia a sua campanha, cada um trabalhava por sua conta. Hoje já não se pode fazer isto. Por isso, retomar a meta da unidade é a função principal da Igreja, se quiser ser a condutora do povo, se quiser ser a verdadeira redenção

da humanidade de hoje...». Foco falava assim aos sacerdotes, em fevereiro de 1965.

Uma surpresa: a breve saudação da Emmaus Voce e de Jesús Moran. A Emmaus, que tinha acabado de chegar do encontro da Comissão Organizadora de «Juntos pela Europa», salientou a importância do compromisso, com vista ao «*Ut Omnes*» (ver pag. 28 e 29), válida também para o Primeiro Diálogo. O Jesús evidenciou o importante contributo que pode surgir, se se unirem as forças católicas na reforma espiritual da Igreja. Um convite, portanto, a seguir em frente com coragem.

O que foi este encontro? Quem esteve presente, deixou a sua impressão. Os membros do CDAL de Gaeta: «Que o Senhor vos conceda sempre este maravilhoso dom do acolhimento, esta capacidade de entrar no coração dos outros e sentir os seus próprios sentimentos e emoções. Que o vosso



O Conselho das associações de leigos de Gaeta

caminho possa ser sempre luz e sal para o mundo». Alguns dos presentes: «Devemos reaprender a ser diálogo sobretudo agora, no pós-Chiara: na Obra, com a Igreja e com todos»; «Estou muito agradecida por poder ter seguido via *skype*. Esta Escola será de grande ajuda»; «Obrigada a todos! Vivemos uma visão antecipada do Paraíso»; Em poucos dias, encontrámo-nos imersos num grande tesouro, ficámos transformados por dentro»; «Foi um momento de Deus muito forte»; e ainda outro: «Uma graça! Viver como irmãos numa única família, em que não existiam distinções entre o centro e a periferia».

Nesta família planetária, olhámos e vivemos, com uma paixão renovada, tendo um horizonte comum: o «*Ut omnes*».

Lina Ciampi

Welwyn Garden City

O diálogo como estilo de vida

Catorze representantes de várias Igrejas, juntos, por ocasião do dia ecuménico dos «Church Leaders»

O tema do diálogo esteve no centro do dia ecuménico anual dos «Church Leaders» (Chefes das Igrejas). Um encontro que se desenvolveu ao longo dos anos, juntando um número cada vez maior de Bispos de várias Igrejas. Este ano, no Centro Mariápolis «Centre for Unity», de Welwyn Garden City, eram catorze, doze dos quais Bispos: cinco da Igreja de Inglaterra, um da Igreja Luterana do norte de Inglaterra, um da Igreja da Irlanda, vindo de Belfast, e cinco da Igreja Católica, dois deles Arcebispos. Estiveram também presentes dois Ministros da Igreja Reformada da Inglaterra (URC), sendo um deles Secretário Geral do Organismo Ecuménico «Churches Together in England» e um voluntário.

O dia começou com três *leaders* de três denominações diferentes, que partilharam reflexões pessoais sobre o tema do diálogo. O Arcebispo Longley, de Birmingham, salientou a sua importância no âmbito ecuménico e no encontro, não só lado a lado, mas também «frente a frente» entre responsáveis das várias Igrejas. Uma afirmação que parecia exprimir a experiência que se estava a viver.

A Pat Whitney, uma focolarina, apresentou o tema sobre o diálogo, tendo por base a espiritualidade da unidade, partindo da presença de Deus-Comunhão na primeira comunidade dos Focolares, em Trento. Depois, o Dr. Moahmmad Shomali, muçulmano, atual diretor do Centro Islâmico da Inglaterra, que



O dr. Mohammad Shomali (à esquerda), na Mariápolis

conhece a espiritualidade do Movimento, realçou o impacto do carisma da unidade nas relações inter-religiosas. Foram duas intervenções muito apreciadas. O Arcebispo Longley sugeriu à Conferência Episcopal da União Europeia (Comece) o nome do Dr. Shomali, para ser o seu porta-voz a nível europeu.

Presente pela primeira vez, o novo Bispo Anglicano, Michael Beasley, ficou tão entusiasmado, que também quer dar a conhecer esta realidade de diálogo ao seu conselheiro para o Diálogo Inter-religioso.

O dia foi caracterizado também por uma verdadeira e espontânea comunhão: uma troca muito profunda de experiências e impressões; depois de cada intervenção, uma «viagem» feita em conjunto e direcionada para uma, sempre cada vez maior, compreensão da Verdade.

Tornou-se evidente o quanto o «diálogo, como estilo de vida» era intuído nos diversos contextos culturais em que todos se inserem.

Noreen Lockhart, Frank Johnson

A outra face do Médio Oriente

Ações de paz e de acolhimento, contadas por duas gen libanesas.
Escola para famílias em Beirute, apesar das fronteiras

De viva voz, por duas gen libanesas

«O Médio Oriente vive uma das páginas mais sangrentas da história da humanidade», Foi assim que Lara, uma gen libanesa, começou a descrever a sua terra, no congresso «OnCity», que se realizou recentemente em Castel Gandolfo. Uma terra que, apesar dos horrores, dá ao mundo o exemplo extraordinário de pessoas que, condenadas à morte, recusam renegar a sua religião e rezam pelos que as perseguem, perdendo-lhes. Um facto - dizia ela - que interpela profundamente, quer cristãos quer muçulmanos e que conduz ao amor e ao perdão».

O testemunho do povo de Chiara emociona todo o Médio Oriente, que não cessa de recolher fundos e bens de todo o género, e de dar provas de que a unidade é possível e de que as barreiras políticas nunca poderão acabar com o desejo de viver em paz. Concertos pela paz, festas de Natal e noites de oração são o resultado de uma mistura de pessoas de religiões, culturas e diferentes níveis sociais que, juntas, aprenderam a transformar os sentimentos de medo, de ódio e de vingança em perdão, esperança e paz.



Mariápolis de 2016, no Líbano

Encontramos exemplos concretos também no drama dos seis milhões e meio de refugiados, que a guerra na Síria trouxe para esta zona e dos três milhões que encontraram abrigo nos Países vizinhos. «Na Jordânia - continuava a Lara - não se hesita em receber, nas próprias casas e com os poucos meios que existem, as famílias refugiadas iraquianas, que são tratadas como irmãos e irmãs. Partilhamos com eles a fome, a vergonha, a humilhação, a perda

de pessoas queridas. Juntos, acreditamos firmemente que a violência não terá a última palavra. E, mesmo se se é capaz de destruir as cidades e de matar as pessoas, a violência nunca poderá pôr fim à força do amor que habita em nós».

O George, também ele um gen libanês, contou a tragédia de duas famílias sírias: «Uma delas perdeu dois filhos, um de três e outro de nove anos. Estes, aproveitando um assim chamado "cessar fogo", foram finalmente brincar



Uma Escola para famílias, em Beirute

Fomos muito bem recebidos num Líbano, que, aos sofrimentos do passado, junta agora o desafio de uma altíssima percentagem de refugiados (quase um milhão e meio, numa população com um total de quatro milhões). Na Escola para famílias, no passado mês de março, eram 125 os participantes, incluindo 8 casais da Síria e um do Egito. O programa, organizado por vários casais da região, centrou-se em diversas temáticas sobre a família, acompanhadas de experiências, espaços de diálogo na sala, colóquios individuais a nível de casal, momentos de alegria. Muito emocionantes foram os testemunhos das famílias sírias que, no dia a dia, têm de enfrentar os riscos de um País em guerra e a absoluta precaridade no que respeita ao futuro. Difícil foi também sair do País, para vir a Beirute, à Escola.

Diante de quem, no passado, teve de fugir de casa levando consigo apenas o automóvel e duas malas, para recomeçar a vida num outro lugar, ou diante de famílias que ainda hoje vivem o drama da guerra, tínhamos medo de falar da nossa vida tão diferente. Mas, através deles mesmos, percebemos que precisavam de ouvir experiências de "vida normal" e que, mais forte do que qualquer circunstância, era a luz do carisma que lhes permite a eles, e a nós, continuar a viver e a amar no local onde estamos. Também para nós foram dias intensos, na alegria de conhecer as riquezas e os desafios desta região do mundo e sentindo-nos todos, mais que nunca, irmãos.

Ao deixar esta terra bendita, sentimos ressoar nos nossos corações, como nos tempos em que o Movimento nasceu, a certeza de que Deus é Amor. E que o Amor vence tudo.

*Francesco e Adriana Scariolo
responsáveis de Famílias Novas no Centro da Obra*



fora de casa, no pátio, tendo sido atingidos por um míssil. Numa outra família, o marido, quando estavam à espera de mais um filho, ofereceu-se como voluntário para fazer a segurança do bairro. Os grupos armados raptaram-no, a ele e a um seu irmão. Dois meses depois devolveram-nos, já mortos, às famílias. Diante de tais sofrimentos, qualquer tentativa de conforto parece inútil. Mas o amor com que a comunidade continua a estar próxima deles, partilhando o seu imenso sofrimento, faz com que as feridas, pouco a pouco, se curem e as suas vidas encontrem de novo um sentido.

«Um dos nossos amigos, - continua o George - na fronteira, foi impedido de prosseguir e mandado para a prisão. Na oração e na confiança em Deus, encontrou a força para ultrapassar o sofrimento e para dar um sorriso aos companheiros de cela, ouvindo-os, dando-lhes conselhos e o pouco alimento que tinha para si. Admirados com a sua atitude, também os outros presos se colocaram na mesma disposição de amor e ajuda recíproca. Poucos dias depois - facto excepcional na situação em que vivemos - as autoridades reconheceram que ele estava lá por engano e libertaram-no».



Rita Azarian

*A saudação de uma pioneira da
Obra: «O Céu espera-me»*

A Rita, focolarina, uma pioneira da Obra desde o início dos anos 50', natural de Milão, deixou-nos, depois de ter semeado o Ideal, durante 57 anos, na África e na Ásia. Tinha 86 anos. Era de natureza forte e, ao mesmo tempo, afável. Pessoa de poucas palavras, mas muito profícuas. Muito franca, exigente consigo própria e de uma grande abertura ao próximo, deixou atrás de si um rasto indelével de amor e sabedoria.

De pai arménio e mãe italiana, desde pequena que a Rita sentiu a vocação a dar-se a Deus. Estudou para ser enfermeira e, apesar de participar todos os dias na Missa, na vida prática, ela mesma disse, «não fazia coincidir a vocação de seguir Jesus com a conversão que lhe era inerente».



Rita com Guido Mirti, na Coreia

Quando concluiu os estudos, já não estava tão convencida de querer ir para o convento, como tinha pensado. Um religioso fez-lhe a sugestão de conhecer o focolar. Na vida das focolarinas e em tudo o que lhe foi dado a conhecer, a Rita compreendeu a resposta de Jesus. Iniciou assim a aventura da unidade, que mudou a sua vida e que, naquele ano de 1953, a fez decidir-se pelo focolar.

Depois de ter vivido em alguns focolares da Itália, foi para a França e depois para a Bélgica. Voltou de novo à França até 1964, ano em que partiu para Njinikom (uma aldeia num planalto, na parte ocidental dos Camarões) juntamente com outras duas focolarinas, com a intenção de depois ir para Fontem. Naquela altura, viver naquelas terras era um absurdo: devido às chuvas, que duravam



nove meses por ano, as estradas tornavam-se intransitáveis, não havia telefone, nem correios. Ficavam completamente isoladas do mundo. Originária de uma família abastada, a Rita encontrou-se a viver numa cabana de terra, sem electricidade

de nem água e, para lavar a roupa, tinha de ir ao rio, que ficava a alguns quilómetros de distância. Um dia, um dos chief (*chefe da tribo*), com algumas das suas mulheres, foi visitar o focolar, levando de oferta bananas e algumas galinhas. «Desde que vocês chegaram – disse solenemente – os poucos cristãos tornaram-se menores e nós (animistas) começámos a abrir os olhos».

Em 1969, foi para Seul (Coreia), também para abrir ali o focolar, com mais duas focolarinas. Ficou lá durante sete anos, nos quais, num ambiente com uma cultura tão diferente da sua, testemunhou a luz de Chiara e acompanhou o desenvolvimento da Obra. Chiara visitou a nova Zona e, ao dar-se conta dos frutos, sugeriu que se incluísse também o Japão. E foi assim que, juntamente com uma focolarina coreana, em outubro de 1976, a Rita chegou a Tóquio, para abrir lá o focolar. E, sem saberem a língua, organizaram a primeira Mariápolis naquele País.

«Partilhei com a Rita – contava o Dionísio Cossar – trinta anos da minha vida, na Coreia e no Japão, desde 1970 até 2000. O que melhor caracterizava a Rita era o facto de aderir totalmente à espiritualidade e ter, ao mesmo tempo, os pés bem assentes na terra, demonstrando firmeza em todas as circunstâncias. Deus fez florescer ao nosso redor comunidades muito vivas e fervorosas, na Coreia, e

Em Fontem, tradutora
incansável, ao lado de Chiara





No Japão, com o rev. Etai Yamada

sólidas e fiéis, no Japão. Mais tarde, esta presença da comunidade no Japão, em estreita comunhão com o Centro da Obra, originou o desenvolvimento do diálogo inter-religioso, com budistas de várias denominações».

Em 2003, devido à sua longa experiência da Obra no continente asiático, Chiara confiou-lhe a co-responsabilidade da Zona de Hong Kong, com Manfred Kogler, que a recorda desta forma: «Era muito competente em tudo o que dizia respeito à Obra. Não deixava de transmitir os seus pontos de vista, muitos precisos e, ao mesmo tempo, tinha uma humildade comovedora, sempre pronta a perder tudo para tornar suas as ideias dos outros». «A maneira como a Rita se inseriu na nossa cultura – testemunhou a Vania, uma focolarina chinesa - foi extraordinária. Não aprendeu a língua, mas a sua vida falava».

Em 2010, a Rita voltou para Rocca di Papa. Depois de ter passado o testemunho a muitos, das novas gerações, encontrou a maneira de continuar a ser útil: fazia traduções, ajudava a tratar as focolarinas doentes ou já idosas, dava aulas de inglês... No final de janeiro foi internada, aderindo à vontade de Deus sem qualquer lamento, pelo agravamento da sua saúde. Na noite anterior à sua partida, ao saudar uma focolarina que a foi visitar, com um fio de voz disse: «O Céu espera-me». E, na manhã seguinte, serenamente, levantou voo.

*Retirado do perfil lido no funeral
(<http://www.focolare.org/notiziariomariapoli/it/rita-azarian-il-cielo-mi-aspetta-2/>)*

Com a comunidade de Hong Kong



Jacqueline Caillaud

A importância de viver o Pacto



A Jacqueline, focolarina de Orléans (França), era enfermeira de profissão, e, depois de ter estado no focolar de Grenoble e alguns anos no Centro Mariápolis de Rocca di Papa, em 1979, foi para o Burundi, para abrir o focolar. A sua presença era discreta, silenciosa, inteligente e ativa. Para além do trabalho na Nunciatura e na Obra – nasceram numerosas vocações também nos países vizinhos – dedicou-se a fazer traduções minuciosas para os livros da Inculturação.

Em 1992, a Jacqueline mudou-se para o Quênia e participou na construção e no desenvolvimento da Mariápolis Piero. De regresso à França, em 2013,

deu-se conta de que estava a perder a memória, mas, permanecendo sempre no amor, comentou: «É o meu Jesus Abandonado» e, quanto mais a doença se agravava, e quase todo o organismo se ia deteriorando, até ficar sem fala (durante um período de tempo), mais ela oferecia. O seu principal empenho foi fazer e viver o Pacto, oferecendo tudo «pelos sem Deus». Quem a conheceu, diz tê-la sempre visto «com um sorriso e na caridade».

Os médicos estavam otimistas com a eficácia dos tratamentos, mas, sem que ninguém esperasse, no dia 10 de abril, depois de ter respondido a uma enfermeira com o seu habitual sorriso, a Jacqueline adormeceu, para reabrir os olhos no Céu.

**Do telegrama da Emmaus
(ver notícia completa em
www.focolare.org/notiziariomariapoli/testimoni)**

Marcio Peixoto

*Uma pedra viva
da Obra no Brasil*

O Márcio, professor universitário de sociologia e de política, conheceu o Ideal em 1972, tendo colocado a sua preparação cultural ao serviço da Obra. Entre as suas muitas participações, sobressaem as aulas na Escola Social e nas Escolas “Civitas”, de formação política para os jovens, na Mariápolis Ginetta. O seu modo de falar era tão rico de sabedoria, que construía a união com Deus e a presença de Jesus no meio. Voluntário de Deus, dedicou-se também à secretaria de zona de Famílias Novas, colaborando no centro de Planeamento Natural da família.

Durante três anos (1984-87) foi delegado dos voluntários da região de S. Paulo e, mais tarde, colaborou na secretaria de Humanidade Nova, tendo sido responsável pelo mundo da política. Era de trato nobre e generoso, tendo sido um incansável construtor da unidade: com a esposa, Maria Eugénia, com os filhos, Valentina, Eduardo e Luciano, no núcleo, no emprego público, onde



trabalhava com integridade, respeito pelo próximo e uma profunda dedicação profissional.

Há 15 anos, surgiu a doença, com uma sucessão de intervenções cirúrgicas e tratamentos, com intervalos cada vez mais curtos, até 11 de março, quando partiu para o Céu, com 71 anos de idade. «Devo reconhecer – escreveu – que as possibilidades de uma vida longa diminuem, mas a consciência das múltiplas graças que recebi é muito maior. Por isso, quero continuar com a minha disponibilidade de sempre, vencendo as tentações de pensar que não tenho mais nada para dar. Continuo a ser ativo no núcleo, na paróquia, como ministro extraordinário da Eucaristia, e a fazer as traduções para a revista *Unidade e Carismas* e artigos para os voluntários. Entretanto, continuo a confiar que Deus me há-de conceder tempo suficiente para pôr em prática e melhorar na “arte de amar”, para que eu possa concluir, com a dignidade de um verdadeiro filho de Chiara, a minha santa viagem».

Antonio Carlos da Silva

Iris Liceaga Rodriguez

«Dar tudo, ajuda-nos a crescer»

A Iris foi uma das primeiras voluntárias de Deus, de Porto Rico. No verão de 1980, para acompanhar o filho de 14 anos, participou na Mariápolis de Nova Iorque. Voltou entusiasmada, decidida a viver pela unidade, uma aventura à qual se juntou o marido, José Antonio, que também se tornou voluntário de Deus.

Uma mulher esmerada, culta e sensível, com sentido de humor, conseguia pôr à vontade todas as pessoas de todos os estratos sociais. Viveu todos os aspectos do amor, salientando-se



essencialmente na cultura do dar, como aconteceu durante a longa convalescência de uma voluntária, a quem não só fazia com que tivesse todos os dias comida e medicamentos, mas também lhe ia buscar o correio e pagar-lhe as contas. A sua casa estava sempre aberta para todos. Quando o furacão “George” (1998) atingiu a ilha, juntamente com o marido, foi incansável em prestar socorro, por um período bastante longo, mesmo a pessoas que não conhecia. Nunca deixou de amar com dedicação os filhos e os netos, apoiando-os zelosamente no seu crescimento.

Com sabedoria e amor, colaborava na redação do jornal da paróquia, fazia parte do grupo litúrgico e foi ministro extraordinário da Comunhão. A Iris aprendeu a partilhar também as riquezas espirituais e experimentou que «dar tudo, ajuda-nos

a crescer». Nos encontros da comunidade, punha em comum as suas experiências de vida do Evangelho, através das quais se salientava o seu empenho em não perder nenhuma oportunidade, mesmo se pequena, para fazer um ato de amor ao próximo e para aprofundar a união com Deus. Em 2013, surgiu a doença, que viveu em unidade com Jesus Abandonado, oferecendo tudo pela Obra e pela sua família. Foi fiel à participação na Missa diária, enquanto lhe foi possível e o seu grande amor por Maria foi o seu suporte, até à conclusão da sua Santa Viagem, que aconteceu no dia 19 de janeiro, aos 84 anos de idade.

Mirella Soto

Giovanni (Gianni) Casella

Um dos primeiros voluntários de Deus, de Portugal

Natural da província de Piacenza (Itália), o Giovanni estudou no Politécnico de Milão e encontrou logo um emprego numa empresa de elevadores. Um trabalho que, no início dos anos 60, o fez mudar-se com a família para Portugal, onde ficou conhecido como «o pai dos elevadores».

E foi em Lisboa que, juntamente com a sua mulher, a Margherita, conheceu o Movimento, tendo-se ambos tornado voluntários de Deus. Foram dos primeiros a construir e apoiar a Obra em Portugal. Também os seus cinco filhos ficaram entusiasmados, entre eles o Nico, que se tornou um focolarino de vida comum (ao longo do tempo tem desempenhado cargos de responsabilidade na Obra), e Michela, que é uma voluntária de Deus.

Receber pessoas era um facto normal na casa dos Casella. Durante meses, esteve lá a viver uma família italiana que, devido à descolonização, teve de fugir de Moçambique, tendo ficado até ao momento em que encontraram um alojamento adequado.

Foram muitíssimas as obras de misericórdia



que o Gianni punha em prática: visitas ao hospital de S. Ana, onde cuidava de dois jovens africanos que ficaram tetraplégicos. Ajudava-os a comer, fazia-lhes companhia e mandava dinheiro para África, para ajudar as suas famílias. O Gianni manteve até ao fim uma vida moderada, possuindo apenas o que lhe era necessário. O supérfluo dava-o para a comunhão de bens da Obra e para a Igreja, onde prestava serviço também como ministro extraordinário da Comunhão.

No dia 24 de fevereiro, com 91 anos de idade, o Gianni deixou serenamente este mundo, rodeado dos filhos, netos e bisnetos, agradecidos a Deus por um tão grande exemplo de vida.

Paulo Melo

Gina Sodano

Paróquia e Economia de Comunhão, os seus dois grandes amores

Depois de se ter licenciado em economia, a Gina, natural de Pomigliano d'Arco (Nápoles – Itália), especializou-se em revisora oficial de contas. De carácter forte e determinado, aos 27 anos conheceu a espiritualidade da unidade e dedicou-se a vivê-la sobretudo na paróquia, o lugar ideal para ela se entregar: nos relacionamentos com as pessoas, ajudando os mais necessitados, na formação de adolescentes e apoiando os sacerdotes na construção da unidade. Simultaneamente, entregava-se ao mundo do trabalho, desempenhando diversas funções, entre as quais também um cargo na Câmara de Comércio da sua cidade. Em 2012, o Pólo Lionello, de Loppiano, propôs-lhe que, sendo essa a sua área profissional, se tornasse responsável administrativa de Economia de Comunhão. A Gina aceitou de imediato e, nos três anos em que permaneceu na cidadela, colocou todas as suas competências ao serviço deste projecto inovador, que Chiara tinha tanto no coração. A sua paixão «fazer o trabalho bem feito, porque deve ser bem feito» era admirada por muita gente.

Em janeiro de 2015, reapareceu uma doença



que parecia já ter sido delibada. Decidiu voltar para Nápoles, para se tratar perto da família, mas os tratamentos não tiveram o efeito desejado. Alimentada diariamente pela Eucaristia e apoiada pelo amor da Obra, a Gina preparou-se com serenidade para o encontro com Jesus. No hospital, escreveu: «estes dias são um verdadeiro treino no amor, que me ajuda a deixar de pensar naquilo que me espera no futuro. Antes, era pensar constantemente na certeza de não me curar. Agora prevalece o empenho de viver o momento presente. É também um treino receber todos os que me vêm visitar e me encontram num estado lastimável. Eu retribuio-lhes, oferecendo tudo o que Deus dá à minha alma, enriquecendo-a com o Seu amor. No dia 1 de janeiro, festa de Maria Theotokos, Deus chamou-a a Si, aos 48 anos de idade.

Miruna Machackova

Mihály Posa

«Experimento a presença do Espírito Santo na minha vida»

Tendo nascido numa cidadezinha da Sérvia, perto da fronteira com a Hungria, para além de trabalhar como engenheiro, nos últimos trinta anos de vida, o Mihály foi catequista na paróquia de um dos seus dois irmãos sacerdotes. E, foi graças a este seu irmão, sacerdote focolarino, que conheceu o Movimento. Sendo um dos primeiros daquele país, o Mihály começou a fazer parte do ramo dos voluntários de Deus, tendo sido responsável de núcleo e animador do Movimento Paroquial. Incansável e sempre ao serviço, foi durante alguns anos delegado dos voluntários da região e deu a conhecer o Ideal a muitas pessoas, que depois seguia pessoalmente. A sua grande sensibilidade fê-lo também abeirar-se dos marginalizados e dos doentes.

Há três anos adoeceu gravemente. Conscientemente e com muita dignidade teve de deixar as suas muitas actividades. Começou, assim, a preparar-se com alegria – como ele próprio disse – para o encontro com Jesus. Recentemente escreveu aos seus companheiros de núcleo: «Experimento constantemente na minha vida, a

presença do Espírito Santo, que me encoraja a abraçá-Lo, como Deus da dor, que nos visita na impotência de uma doença sem esperança. Estou convosco e quero garantir-vos a minha unidade!».

No dia 31 de janeiro, o seu coração parou num sono tranquilo, aos 70 anos de idade. No funeral, celebrado numa atmosfera de festa, reuniram-se ao seu redor cerca de uma centena de membros da Obra de Maria, gratos pela sua vida, inteiramente vivida pela unidade.

Robert Zajc



Iole Giampietro

«Bendito seja o Senhor, que, pelo seu amor, fez maravilhas por mim» [Sal 113(112),22]

No dia 30 de novembro, a Iole chegou à Mariápolis celeste, com 94 anos de idade. Enfermeira num consultório de dentista, em 1948, com 26 anos, participou na Mariápolis de Fiera di Primiero. Logo a seguir, escreveu: «Enamorei-me deste Ideal e, à noite, depois do trabalho, encontrávamo-nos, na sala de espera do médico, com algumas pessoas que me tinham sido confiadas». Com elas, e depois com outras ainda, a Iole descobriu a beleza de levar Deus à humanidade e correspondeu sem hesitação, abraçando a vocação de voluntária de Deus (foi uma das primeiras, em Abruzzo – Itália).

Incansável na difusão da *Palavra de Vida*, na família, no trabalho, na paróquia e também através da rádio local, durante muitos anos distribuía, mensalmente, cerca de 120 exemplares, incluindo muitas vezes um bilhetezinho pessoal.



Para viver o espírito de pobreza, a Iole só ficava para si com a quantia que lhe era necessária, participando na comunhão de bens e partilhando o restante com os próximos que o amor de Deus ia colocando diante de si. Até ao fim da sua vida, a vontade de Deus foi muito importante para a Iole, tendo a Eucaristia sido o seu suporte, a oração a sua ajuda, e a Palavra o seu alimento.

Marilena Angiolossi D'Alfonso

Armando Gino Corsi

«Sem a vida do núcleo não se pode ir em frente»



Tendo nascido em Carrara (Itália), no 21 de dezembro, com noventa anos de idade, o Gino chegou à casa do Pai. Casado com a Rosella, começou a frequentar o Movimento graças ao filho, que se tinha tornado um Gen3. Algum tempo depois, sentiu a vocação de seguir Deus no ramo dos voluntários, levando ao núcleo a sua simplicidade, a sua segurança e uma sensibilidade subtil. Muito trabalhador, salientava-se na preparação das Jornadas e das Mariápolis, colocando-se ao serviço, com a sua gentil e sincera propensão para o trabalho

Tendo ficado viúvo, passou a tomar conta de uma tia deficiente física e, quando esta faleceu, recebeu na sua casa o filho e a sua família, tendo-se tornado avô, a tempo inteiro, dos três netos ainda pequenos

Com o avançar da idade, aperfeiçoou a sua relação com Deus, determinada pela oração intensa, pela vida do núcleo, «sem a qual – dizia – não se pode ir em frente». O Gino permaneceu ativo até ao fim, ajudando um neto desempregado a aprender uma profissão. Deixou um esplêndido testemunho de unidade, de fidelidade ao Ideal e um exemplo de disponibilidade à vontade de Deus.

Fabio Tommasi

Ir. Maria Lydia Santner

«Todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus» (1 Jo 4,7)



No ano passado, no encontro de Castel Gandolfo, no qual participou como prenda de aniversário pelos seus cinquenta anos de religiosa, a Ir. Maria Lydia teve o pressentimento de que não ia ter muito mais tempo para se preparar para o encontro com Jesus. E assim foi. Na véspera de Natal, aos 75 anos de idade, voltou para a casa do Pai.

Alguns dos seus pensamentos dão prova da profundidade desta religiosa, franciscana de Hallein (Áustria), que, em 1986, tinha frequentado durante sete meses a escola das consagradas, na Villa Achillia, no centro internacional do Movimento. Em abril de 2014, escreveu: «Procuro viver bem o momento presente e peço a Jesus para me ajudar no trabalho de responsabilidade da paróquia. Ele não me abandona e, por isso, estou-Lhe muito agradecida. O Ideal é muito precioso para mim e tornou a minha vida mais rica». E, em março de 2015: «Todos os dias, na comunhão, peço a Jesus que me coloque completamente “dentro” do amor trinitário. Este é também o meu lema, desde que entrei para a congregação». De facto, o seu nome completo é Maria Lydia do amor trinitário. Um amor que, com coragem, levou e semeou por todo o lado.

Secretaria internacional das religiosas consagradas

Emma Aterini Barucci

Mulher simples, com gosto pelas coisas de Deus



«Sempre que havia um encontro – contava a Emma, voluntária de Deus da zoneta de Florença (Itália) – corria, porque gostava muito de escutar Chiara, ouvir como ela

falava de Deus». Nasceu na região de Siena, no longínquo ano de 1914, conheceu as agruras da vida do campo, com dificuldades e pouca saúde. Quando casou com o Giocondo, mudou-se para Florença.

De poucas palavras, organizada, mulher simples, com gosto pelas coisas de Deus, conseguia exprimir muito sinteticamente as experiências do Evangelho, vivido por si, e a força da sua fé, sempre muito reconhecida a Chiara e à Obra, pelos dons espirituais que recebeu. Nem sempre o marido concordava que ela participasse nos encontros do Movimento, mas a Emma conseguiu conquistar a sua confiança e, nos últimos anos, também ele quis participar na Mariápolis.

Do que ganhava do seu trabalho de costura, trazia uma parte, que fielmente punha em comum com a Obra, feliz por poder fazê-lo. Há dez anos, ficou viúva e foi viver para um lar de idosos. Enquanto pôde, apesar do cansaço, levantava-se cedo todas as manhãs para ir à Missa, à capela. E, quando alguém do Movimento a ia visitar, dizia com alegria às irmãs: «Estas são as minhas amigas da Obra de Maria!». Na noite de 14 de dezembro, com 101 anos de idade, a Emma adormeceu serenamente, para acordar no Céu.

Gabriella Petrini Vannucci

ficou sensibilizado pela frase do Evangelho: «Procurai antes de tudo o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o resto vos será dado por acréscimo» (Mt 6,33) e começou a experimentar pô-la em prática. Deu-se nele uma verdadeira revolução, que o fez descobrir o amor de Deus Pai. Começou a refletir sobre os relacionamentos familiares, a começar pela Rosanna. As atitudes conflituosas deixaram espaço a um amor conjugal límpido e afetuoso, tanto que passaram a ser um ponto de referência para outros casais.



O Evangelho vivido trouxe à evidência a verdadeira personalidade de Virgilio, um homem simples e puro de coração, que sabia acolher todos e difundir ao seu redor serenidade e alegria, conseguindo mesmo resolver situações embaraçosas.

Tinha os pobres no coração e, mensalmente, fazia-lhes uma doação. Empenhado na paróquia, estava sempre pronto a escutar toda a gente. Todos os que o encontravam se davam conta de que, o seu, era um amor que estava enraizado em Jesus. Com o agravamento da doença, continuava a dizer o seu «sim» e, quem o ia visitar, ficava edificado com a sua profunda interioridade e com a adesão total à vontade de Deus. No dia 14 de dezembro, com 73 anos de idade, deixou este mundo para entrar no seio do Pai.

Antonio Guidi

Virgilio Raffaelli

Um amor que tem raízes em Jesus

Voluntário de Rimini (Itália), até meados dos anos 70', o Virgilio definia-se como um cristão do domingo. «Tinham-me convidado para um encontro em casa de uma família – contou – e, pensando que fosse passar um momento de convívio, dirigi-me para lá com uma garrafa de vinho. Quando regresssei, contei à minha mulher, a Rosanna, que tinha encontrado um grupo de loucos que falavam do Evangelho». Até àquele momento o seu trabalho – geria o hotel da família – tinha prioridade sobre tudo o resto.

Através dos encontros que se seguiram, que não recusou em participar, por amor à Rosanna,

Lucia Morasso Barisone

«Dizer “sim” a Deus, de imediato e com alegria»

A Lucia nasceu e viveu na Liguria (Itália). Formou-se na Ação Católica, onde se distinguiu pela sua generosidade em pôr-se ao serviço. Casada e mãe de três filhos, com eles viviam também os pais da Lucia, dos quais cuidava com muito amor.

Já viúva, conheceu o Ideal aos 60 anos, e,



algum tempo depois, tornou-se uma voluntária de Deus. A Lucia conseguiu criar ao seu redor muitos relacionamentos de amizade sincera, em particular com uma senhora da Igreja evangélica, cujo filho é Pastor. Sentia muito a importância dos Diálogos e, com alguma frequência,

tentava também participar na Divina Liturgia na Igreja Ortodoxa.

No Núcleo, estava-lhe confiado o anil: «Sabedoria e estudo». «Para viver este aspeto – escreveu – é indispensável a presença de Jesus entre nós, através do amor recíproco. Deste modo, aquilo que se pensa, o que se planeia, o que se deduz e se decide, é fruto da Sabedoria».

Deixou esta Terra aos 84 anos, no dia 8 de dezembro de 2015, na festa de Maria, a quem ela tanto amava. Uma neta, de dezasseis anos, deu o seu testemunho no funeral: «Graças à avó, percebi o que quer dizer morrer todos os dias pelo próximo, recomeçar, amar, amar o outro em tudo. Agora estou a preparar-me para ser também um “fio do Seu tecido”».

Angela Roncallo



Giuseppina Giolitto Barberis

Mulher de fé e de dedicação

A Pina nasceu no Piemonte (Itália), em 1926, e, quando era ainda pequena, ficou órfã de pai. Sendo a primeira de cinco filhos esforçava-se muito por ajudar a mãe e, quando se tornou professora, ensinando numa escola de adultos, passou também a contribuir monetariamente. Por isso, não deixou a família sem que todos os irmãos tivessem a sua vida organizada. Depois conheceu o Sílvio, já viúvo com um

menino pequeno, casaram-se e nasceu o Nicola.

Tendo-se mudado para a Ligúria, nos anos 80, a Pina conheceu o Movimento e tornou-se voluntária de Deus. Generosa e sempre ao serviço dos outros, não se poupava na virtude da caridade. Durante meses, fez as compras de uma voluntária que, devido a um acidente, não podia sair de casa. No núcleo, sabia escutar e o seu amor pelo estudo da UPM era um estímulo também para as outras voluntárias. A oração e Jesus Eucaristia eram a sua alegria.

Quando ficou viúva, a sua capacidade de comunicação, que foi enfraquecendo gradualmente, tornou-se cada vez mais reduzida, a ponto de ter necessidade de ajuda contínua. Apoiada pelas voluntárias, que lhe asseguraram uma constante presença de Jesus no meio, a Pina levava a sua cruz com fidelidade, dócil à vontade de Deus. Mulher de fé e de dedicação, filha, irmã, professora, esposa, mãe e avó exemplar, faleceu no dia 4 de dezembro de 2015, com 90 anos de idade.

Angela Roncallo



Ir. Marta María Timossi

A sua lâmpada estava acesa

A Ir. Marta, religiosa das Filhas de Maria Auxiliadora, frequentou desde pequena o Instituto Salesiano de La Plata (Buenos Aires, Argentina). Formou-se como catequista e depois como professora de filosofia e pedagogia. Estudou durante um ano no Teresianum de Roma onde, através do irmão, também ele salesiano, conheceu o Ideal. A partir daquele momento, a Ir. Marta adquiriu uma força nova que nunca mais deixou. Entregava-se sem medida: era tesoureira, vigária, responsável pela pastoral da escola dos animadores da oração e, nos últimos cinco

anos, diretora geral do Colégio Maria Auxiliadora. Foi responsável de várias comunidades educativas da província de Buenos Aires e do extremo sul da Argentina. Semeou o Ideal por todo lado e às “mãos cheias”.

Em 2007, por prescrição médica, teve de deixar todas as responsabilidades. Escreveu: «Quatro meses fora de casa, a descansar em O'Higgins, a Cidadela dos Focolares na Argentina, permitiram que eu compreendesse profundamente, de modo vital, que a única coisa que importa é o amor. Que não importa fazer ou não fazer: que Ele, o meu único Esposo, está mais do que nunca ao meu lado».

Nos últimos anos, foi membro do Conselho da Obra, na Zona, em representação das Religiosas, dando sempre, com alegria, um contributo novo e adequado. No dia 25 de novembro, devido a um enfarte, partiu inesperadamente para o Céu: «A Ir. Marta – testemunhou a sua superiora – estava preparada. Foi ao encontro do Esposo com a sua lâmpada acesa. Nós, que vivemos e trabalhamos com ela, pelo contrário, não estávamos preparadas para esta perda. Mas acreditamos que esta morte, tal como o grão de trigo, irá fazer florescer a vida em todas as nossas famílias religiosas».

Secretaria internacional das religiosas

Apostólico. A partir desse ano, começou a participar assiduamente nos Encontros anuais de Bispos Amigos do Movimento e, em 1997, foi sagrado Bispo.

O afluxo de imigrantes e refugiados na Noruega, fez com que crescesse consideravelmente o número de católicos na sua diocese, e o D. Georg dedicou-se a eles com carinho. Em 2012, depois de uma acusação não provada, aceitou o pedido de resignação e foi viver numa comunidade dos Padres de Arnstein, em Münster, continuando a manter o contacto com os Bispos e os Religiosos do Movimento. Com fé na Ressurreição e com muita paciência, suportou os sofrimentos da doença grave, que surgiu inesperadamente, agradecendo a todos os que se manifestaram próximos e solidários. Chegou à Casa do Pai no dia 25 de outubro, com 64 anos de idade. O seu funeral foi vivido com grande comoção, estando presentes sete Bispos, dez sacerdotes e quinze religiosas.

Da Mariápolis, edição alemã, traduzido por Helmut Sievers



D. Georg Müller

Ao serviço dos imigrantes

D. Georg formou-se na Comunidade dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus e de Maria de Arnstein, em Lahnstein do Reno (Alemanha) e foi ordenado sacerdote por D. Klaus Hemmerle, através do qual conheceu o Ideal, tendo ficado conquistado.

Tendo sido transferido para a Noruega, logo depois de três anos foi nomeado Vigário Geral de Trondheim e, em 1988, foi designado Administrador

Marisa Castradori Frezzi

«Julguei não dever saber outra coisa entre vós a não Jesus Cristo, e este Crucificado» (1Cor 2.2)



A Marisa, mãe de dois filhos, professora primária, desde que, em 1976, conheceu o Ideal, começou a deixar de ter tempo livre para si. Passou a escutar mais e melhor e tornou-se aberta a tudo e a todos. Foi, durante anos, responsável de núcleo, e, mais tarde, delegada de Humanidade Nova da região das Marcas (Itália), entregando-se de um modo especial ao mundo da Educação e da Política. Em Chiaravalle, a sua cidade, na província de Ancona, criou o “Conselho das Associações de Voluntariado”, do qual foi presidente até aos seus últimos dias.

No dia 30 de outubro do ano passado, com 85 anos, partiu para o Céu. No funeral desta mulher forte e determinada, que deu a vida pela sua gente, foram muito significativos os testemunhos, como por exemplo o do pároco: «a Marisa foi uma cristã que nos deixou o exemplo da humildade, da alegria, da perseverança, da tenacidade no compromisso, da unidade e da comunhão,

como fundamento de todos os relacionamentos. Ensinou-nos a derrubar os muros que nos separam e a construir as pontes que nos unem». E um assessor do município: «A Marisa tinha uma palavra na qual insistia sempre: juntos. Mesmo nas situações mais difíceis, em que existiam grandes divergências, ela conseguia levar as várias Associações a encontrar uma solução. Juntos».

Elisabetta Balloni

p. Ernst Langer

Uma vida na radicalidade do Evangelho

Sacerdote focolarino da Alemanha, o P. Ernst partiu para a Mariápolis Celeste no dia 21 de agosto de 2015, aos 89 anos de idade. Ele próprio, em 1968, comentava o seu encontro com o Ideal: «Encontrei uma tal luz, que me pareceu ter quase perdido os meus 18 anos de sacerdócio. Começo só agora a viver verdadeiramente como sacerdote». Um Ideal que nunca mais deixou e que deu abundantes frutos, onde quer que se encontrasse a viver. Na sua paróquia, em Herten-Süd, nasceram todas as vocações da Obra.

Durante os 25 anos em que foi pároco, conseguiu visitar pelo menos três vezes todos os paroquianos, regressando até à casa de quem lhe tinha fechado a porta na cara. Quando alguém precisava de encontrar um padre de verdade, ele estava pronto. O P. Ernst era um homem de poucas palavras, mas de um amor concreto. Para mencionar apenas dois exemplos: levou consigo, para a residência paroquial, um outro sacerdote focolarino que não estava bem de saúde e um voluntário, doente oncológico.

O P. Gerhard Sievers, sacerdote que lhe sucedeu em Herten-Süd, testemunhou: «O P. Ernst vivia a espiritualidade de Chiara sem reticências. Nunca faltava a um encontro de sacerdotes, salvo por motivos muito inadiáveis. Sempre fiquei muito sensibilizado pela humildade, pela generosidade e pela fidelidade com que sempre viveu a comunhão de bens. Foi um verdadeiro



pioneiro desta nova forma de pobreza.». A Palavra de Vida que Chiara lhe deu, como luz para a sua vida era: «Já não vos chamo servos, visto que o servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai» (Jo 15,15).

p. Wilfried Hagemann

Cécile Ehrler

Irradiava uma alegria contagiosa

A Cécile, voluntária de Deus da Suíça, chegou à Mariápolis Celeste no dia 21 de julho de 2015. Casada e mãe de cinco filhos, o seu casamento não foi fácil. Num encontro para separados, no centro internacional do Movimento, contou: «Depois de 15 anos de casamento, o meu marido deixou-me para ir com uma outra pessoa. Em Jesus Abandonado encontrei a força de dizer o meu “sim” a Deus e comecei a rezar pela sua nova companheira. No funeral da minha filha mais velha fui, tranquilamente, cumprimentá-la, abracei-a e disse-lhe que a perdoava, tendo experimentado uma paz muito grande».

A Cécile foi, durante muitos anos, responsável de núcleo e empenhada do Movimento Paroquial. Em 1991, quando se começou a construir em Baar a cidadela da Zona da Suíça, a Cécile mudou-se para lá perto, para ajudar. Mulher de coração grande e acessível a todos, com uma generosidade surpreendente, punha-se ao serviço sem pensar em si. Com a sua



Janina (Nina) Witek

O Ideal, a sua «pérola» preciosa

A Nina foi a primeira responsável das voluntárias da Polónia. Era já uma profissional de carreira – arquitecta no Instituto de Zootecnia de Cracóvia, doutorada no campo da construção de edifícios agrícolas – quando conheceu o Ideal, a sua «pérola» preciosa, como ela o definiu. Colocou-se logo, totalmente, ao serviço da Obra: tempo, talentos, casa, géneros alimentícios (na altura difíceis de encontrar) e até o telefone, que nos anos 60 era coisa muito rara. Tinha sempre pronto um saco com os seus lençóis, para ir dormir a casa de amigos e deixar livre o seu apartamento para os convidados do focolar. Os encontros das voluntárias faziam-se na sua casa, nos quais, nos tempos da «cortina de ferro», participavam também as voluntárias da Alemanha de Leste.

Nos últimos tempos surgiram numerosos problemas físicos, que a Nina suportou com paciência, estando sempre no amor para com todos. Apesar de estar impossibilitada de participar nos encontros, tinha no seu coração apenas a Obra, pela qual ofereceu tudo. «Os seus olhos estão sempre cheios de Deus» testemunhava quem a ia visitar. Numa das suas

simplicidade, irradiava alegria ao seu redor.

De repente, aos 84 anos, adoeceu e, durante um mês, a sua saúde oscilava entre a esperança de recuperação e o perigo de morte. As voluntárias viveram tudo isto com ela e estiveram a seu lado até quando, depois de ter recebido a santa unção, a Cécile voltou serenamente para a Casa do Pai.

Claudia Fricker



última cartas escreveu: «... agradeço a Deus por tudo, especialmente pelo carisma de Chiara. Quero viver a Vontade de Deus todos os dias, a fim de que a “passagem” para Ele seja o cumprimento da sua última Vontade». Recordamo-la por altura do primeiro aniversário da sua partida, dia 5 de maio de 2015, com 88 anos de idade.

Malgorzata Bober

Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: **Antonia, irmã de Margarida Nobre, Francesca, mãe de Anna Maria (Marodi) La Vecchia e Santo, pai de Celestina (Celeste) Bergamini**, focolarinas na Mariápolis Romana; **Luigi, pai de Ilona Mészáros**, focolarina no Cairo; **Maria Rosario, mãe de Manuel Carrasco**, focolarino em Loppiano; **Jose Borrego Agüera, pai de M^a José Borrego**, focolarina na Cidadela Castelo Exterior (Espanha); **Bruno, pai de Anna (Anna Luce) Ramogida**, focolarina em Ancona (Itália) e de **Giuseppe**, voluntário em Lazio Nord; **Elisa, mãe de Annalisa Vezzo**, focolarina casada em Pádua (Itália); **o irmão de Anne Plantard**, focolarina em Madagáscar; **Isidro Antonio, pai de Alejandro Gamez**, focolarino em Loppiano; **Gino, pai de Anna Lisa Gasparini**, focolarina na cidadela Farol, de **Maria Angela**, voluntária em Treviso e de **Rosetta**, voluntária em Udine; **Thomas, irmão de Philomena Sheridan**, focolarina na Mariápolis Luminosa (EUA); **p. Luis Lei, irmão de Cecilia Xavier**, focolarina em Lisboa (Portugal); **Margarita, mãe de Elizabeth (Marivi) Mendoza**, focolarina em Bogotá (Colômbia); **a mãe de Luz Nancy Barreto**, focolarina casada em Bogotá; **Josè, pai de Juana Torres**, focolarina em Myanmar; **Santina, irmã de Enzo Cardaci**, focolarino casado em Lazio Nord.

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Abril e maio de 2016 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Rua Senhora da Graça, 60 • 2580-042 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora : Filomena Viegas • Tiragem: 350 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

1 de Maio Alta Resolução

Ajusta
o foco à
Paz

Realizou-se o grande encontro de jovens na cidadela Arco-Íris. Estavam cerca de 600 jovens de todo o país e um pequeno grupo de Espanha. Foi um dia em cheio e determinante. Muitos declararam uma total mudança de rota nas suas vidas, descobrindo que podem contribuir para a paz nos pequenos gestos do dia-a-dia, através de relacionamentos mais fraternos com todos.

Mais informações no site www.focolares.pt

